INTRODUZINDO O LEVÍTICO

Estão preparados para a introdução do Levítico? Relaxados? Então tá, vou introduzir.

Durante quase todo o livro do Êxodo, deus falou com Moisés no monte Sinai. As instalações não eram lá muito confortáveis, por isso ele teve pressa e resumiu o que queria em dez mandamentos. Mas agora, com o Tabernáculo pronto, deus tem todo o tempo do mundo para soltar a imaginação e criar várias leis com detalhes às vezes absurdos. É disso que trata o Levítico: As leis que deus passou para Moisés durante suas conversas dentro do Tabernáculo. Preparem-se, vai ser um porre. Mas a introdução não doeu, né?

LEI SOBRE OS ANIMAIS QUEIMADOS NO ALTAR

(Levítico 1)

— E a-aí, Ja-Javé? G-gostando da c-casa no-nova?

— Pra caralho, Moisés! Esse tabernáculo ficou melhor até do que eu esperava. Meus parabéns.

— O-obrigado.

— De nada. Agora vamos trabalhar.

— T-trabalhar? T-trabalhar no q-quê?

— Ora, no quê! Leis! Rituais! Sacrifícios! Punições! Ou você acha que uma religião se constrói com dez mandamentos e meia dúzia de leis vagas?

— B-bem...

— Bem nada! Há que se detalhar as leis, esmiuçar, descrever os castigos em detalhes vivos, para assim ter o povo nas mãos, feito um rebanho sem vontade própria.

— P-porra, Ja-Javé, que m-maquiavélico...

— Maquiavel nem nasceu, Moisés. Eu sou é deus, tá me ouvindo? DEUS! Bom, mãos à obra. A primeira lei é sobre os animais sacrificados.

— S-sei. Essa é a p-parte que vo-você g-gosta, né?

— Hehehe, não vou mentir pra você... Aham. Bom, quando um homem for oferecer sacrifício a mim, ele deverá escolher um animal de seu rebanho. Se ele quiser oferecer um bezerro, que o bicho seja macho e sem defeito. Vai trazer o bezerro até aqui na porta da

tenda e botar a mão sobre a cabeça do bichinho, para eu saber que é ele quem está me oferecendo o sacrifício. Depois disso, ele degolará o bezerro e os sacerdotes oferecerão a mim o sangue do... O san... O... **SANGUE! SAAAAAANGUEEEEE! SAN...** Gasp! Cof! sangue...

— Ôa, Ja-Javé! Ôa! C-calma, cê tá p-perdendo a voz. O-olha o seu co-coração...

— Desculpa, me empolguei. Como eu ia dizendo, os sacerdotes oferecerão o sangue, que depois será borrifado os quatro lados do altar. Em seguida o homem vai tirar o couro do bezerro e cortar o corpo em pedaços. Feito isso, os sacerdotes vão acender o fogo no altar para queimar os pedaços do bicho, sendo que o que está oferecendo o sacrifício vai lavar os miúdos e as pernas do bezerro antes de queimar também.

— V-vão q-queimar o ca-cara????

— Não, Moisés. Porra, prestenção no que eu falei: Antes de queimar também *os miúdos e as pernas*.

— DO CARA???

— Ai meu saco. DO BEZERRO, Moisés!

— Ah...

— Puta que pariu... Vê se não me interrompe para falar bobagem, se não a gente não acaba nunca. Bom, no fim das contas o bezerro será todo queimado.

— M-mas p-por quê?

— Porque eu gosto do cheiro de carne queimada, ok?

— T-tá bom e-então...

— Humpf. Então, as regras que valem para sacrifício de bezerro também servem para carneiro ou cabrito: mão na cabeça, degola, sangra, borrifa, esfola, faz picadinho, torra tudo. Anotou?

— N-não t-trouxe m-meu P-Palm.

— Porra, que despreparo!

— EU N-NÃO S-SABIA QUE IA T-TER Q-QUE T-TRABALHAR HO-HOJE!

— Não sabia... Ora, todo dia é dia de trabalho. Menos o sábado, claro. O sábado é o dia de descanso, dedicado a mim, quem não guardar o sábado certamente morr...

— T-tô sa-sabendo, Ja-Javé. To-toca o b-barco.

— Ô petulância... Ainda dou um jeito em você. Mas não agora, que quero logo encerrar isso aqui. Deixa eu ver aqui... Ah, sacrifício de aves. Quem quiser me oferecer sacrifício de aves, deverá trazer uma rolinha ou um pombinho.

— P-Pombo?

— É.

— P-pombo m-mesmo?

— É, Moisés. Pombo mesmo.

— P-porra, mas p-pombo?

— É! POMBO! BLBRRRRRBLABLUUUUUUUUUUUU-POMBO! POMBO! PORRA! POR QUÊ ESSA IMPLICÂNCIA COM O POMBO?

— M-mas se o po-povo c-começar a sa-sacrificar p-pombo, co-como é que vai fi-ficar seu **p-projeto de re-revolucionar a i-internet**?

— Putz, é mesmo... Bah, pombo não falta por aí, acho que matar uns não vai fazer falta. Serão como pacotes TCP perdidos.

— Pa-pacotes o q-quê?

— Xapralá. Anota aí. O cara vai trazer o pombo e o sacerdote o levará para o altar.

— O c-cara?

— O POMBO, PORRA! Levará O POMBO para o altar, tirará a cabeça e deixará sangue da ave escorrer pelo lado do altar. Sangrado o pombo, o sacerdote tirará o papo com tudo o que estiver dentro e jogará no monte de cinzas que fica no lado leste do altar. Depois de tudo isso, abrirá as asas da ave para queimá-la inteira.

— P-porque vo-você gosta do ch-cheiro.

— Exatamente. Cê acha que consegue lembrar tudo isso pra anotar mais tarde?

— F-fácil.

— Beleza. Então vai lá buscar o seu Palm, que ainda tem mais.

— P-puta merda...

— Não chia.

OFERTAS DE CEREAIS

(Levítico 2)

— Bom, Moisés, agora vou te falar como é que vai ser o lance da oferta de cereais.

— Ce-cereais? P-pra quê?

— Ora, pra quê! Para o meu café da manhã! Preciso de fibras, preciso de carboidratos, essa porra toda. Vai anotando aí. Quando alguém vier me oferecer cereais, deverá moer o cereal e tirar dele a melhor farinha. Depois vai misturar a farinha com azeite e incenso e entregar para os sacerdotes. Um deles vai pegar um punhado dessa maçaroca e queimará no altar, para todo mundo saber que é uma oferta para mim. O resto da oferta ficará para os sacerdotes. Anotou aí?

— A-anotei.

— Então. O mesmo vale para oferta de pães, que devem ser feitos da melhor farinha, e podem ser grandes ou pequenos, com ou sem azeite, assados na grelha ou no forno, mas sempre sem fermento. O sacerdote queimará uma pequena parte dos pães no altar, o resto é dos sacerdotes.

— M-mas p-por que p-pra vo-você só v-vai um p-pouquinho das o-ofertas e f-fica o resto p-pros sa-sacerdotes?

— Regime brabo, Moisés. Tenho que comer pouco, um inferno.

— É, t-tá p-precisando m-mesmo...

— Não torra. Ah, ia me esquecendo: Os cereais que forem colhidos primeiro deverão ser oferecidos a mim, mas sem queimar no altar. E toda oferta de cereais deverá ser temperada com sal.

— P-pressão b-baixa, Ja-Javé?

— Pois é. Velhice é uma merda.

— S-sei co-como é.

OFERTAS DE PAZ (OU: A ARTE DA BREVIDADE)

(*Levítico 3*)

— Bom, Moisés, sobre os sacrifícios de paz. O cara que vier oferecer sacrifícios de paz poderá trazer bovinos, caprinos ou ovinos, desde que sem defeito. Vai chegar aí na frente da tenda, botar a mão sobre a cabeça do animal e degolá-lo. Os sacerdotes então vão borrifar o sangue do bicho nos quatro cantos do altar. Depois disso, um dos sacerdotes oferecerá a mim toda a gordura que cobre os miúdos, os dois rins, junto com a gordura que os cobre e a melhor parte do fígado. Se o animal for um carneiro, o rabo do bicho deverá ser oferecido também.

— G-gosta de um r-rabo, Ja-Javé?

— E quem não gosta? Pois bem. Essa gordurada toda será queimada no altar para mim. Toda a gordura me pertence, por isso vocês não deverão comer gordura. Ah, nem sangue, que eu também curto um sarapatel.

— M-mas e s-seu r-regime?

— Bah, foda-se o regime. Morrer é que eu não vou.

SACRIFÍCIOS POR DIVERSOS PECADOS

(***Levítico 4***)

— Bom, Moisés, vamos em frente com esse negócio.

— Sa-sacrifícios ainda, Ja-Javé?

— Ainda. Até eu tô de saco cheio disso. E olha que eu gosto de sangue. Mas vou fazer o quê? Preciso te passar as leis, então vamos logo para terminar depressa. Hum, deixa ver... Ah, se o Sumo Sacerdote, que hoje é o Arão, cometer um pecado, deverá oferecer um bezerro em sacrifício. O mesmo nhenhenhém de sempre: Traz o touro para a porta da tenda, bota a mão na cabeça, dá uma abaixadinha, bota a mão na cintura, mexe a bundinha, degola o bicho, borrifa um pouco do sangue nos cantos do altar e derrama o resto na base, tira a gordura do bicho, a melhor parte do fígado e os rins e queima tudo isso no altar e depois...

— Pe-peraí, t-tô a-anotando.

— Precisa anotar não, Moisés. É tudo igual. A diferença é que depois de fazer tudo isso ele vai pegar o couro do animal, a cabeça, as pernas, os miúdos e os intestinos, levar para

fora do acampamento, até o lugar onde são jogadas as cinzas, e vai queimar isso tudo lá. Anotado?

— A-anotado.

— Pois muito bem. O sacrifício pelos pecados coletivos do povo será exatamente o mesmo. Se uma autoridade pecar, o ritual é quase o mesmo, com uma diferença: O animal será um bode.

— Po-porra, Ja-Javé!

— O quê?

— T-tá certo q-que o c-cara pe-pecou, mas d-daí a t-transformar o c-coitado num bo-bode!

— Ai meu saco... O animal oferecido em sacrifício será um bode, Moisés!

— Ah, a-agora e-entendi.

— Puta merda... Então, o cara vai trazer o bode e fazer toda aquela palhaçada. E se o pecador for um cara do povo, vai trazer uma cabra ou uma ovelha e fazer tudo do mesmo jeito. O importante é que vocês se lembrem sempre de oferecer sacrifícios quando fizerem algo de errado, assim eu me empanturro de carne sangrenta e gordurosa, tiro um cochilo, e quando acordar nem me lembro mais do pecado de vocês. Beleza?

— Be-beleza. M-mas co-como a ge-gente v-vai sa-saber se é p-pra oferecer sa-sacrifício ou n-não?

— Hum. Boa pergunta. Ah, vou te passar uma lista.

— Uma l-lista? M-muito g-grande?

— Enorme. Vai anotando aí.

— Sa-saco...

CASOS EM QUE É PRECISO OFERECER SACRIFÍCIO

*(**Levítico 5** e **6:1-7**)*

— Bom, Moisés. Cê perguntou quando é que se deve oferecer sacrifícios.

— Pe-perguntei?

— Perguntou

— T-tem ce-certeza?

— Ô meu saco... Tenho. Olha **aqui**.

— Ah...

— Então. Imagine um cara aí que viu um crime e seja chamado para testemunhar. Aí quando chega a vez dele depor, ele dá pra trás e diz que não viu nada, que não sabe de nada. É culpado, tem que oferecer sacrifício. Ou então se alguém tocar algo impuro, sei lá, um bicho morto, ou nas feridas de alguém, ou em merda, vai ter que oferecer sacrifício.

— Pe-peraí, Ja-Javé. Se o c-cara e-encostar num bi-bicho m-morto, tem que o-oferecer sa-sacrifício?

— Isso aí.

— E-então v-vai t-trazer um bi-bicho a-aqui e ma-matar.

— É.

— M-mas aí e-ele t-terá to-tocado num bi-bicho m-morto de no-novo!

— Hehehe, eu sei. Boa essa, né? Nunca que eu vou passar fome!

— Que f-filho da p-puta...

— Falou alguma coisa, Moisés?

— E-eu? Eu n-não!

— Hum. Então vamos em frente. Nego que fizer juramento sem pensar será culpado. Sacrifício.

— Sa-sacrifício de q-quê? T-touro?

— Nah, nem é pra tanto. O cara vai confessar o pecado para mim e trazer uma ovelha ou uma cabra para ser sacrificada.

— Ah, t-tá... M-mas e se a p-pessoa não t-tiver di-dinheiro pra co-comprar u-uma o-ovelha ou u-uma c-cabra?

— Nesse caso pode trazer duas rolinhas. Ou dois pombinhos, tanto faz. Aceito do mesmo jeito.

— Hum. E se n-nem pra co-comprar pa-passarinho o ca-cara tiver di-dinheiro?

— Putz, sei lá! Ah, pode trazer um quilo de boa farinha e tá tudo certo.

— Tá b-bom. M-mas e s-se o ca-cara n-não ti-tiver co-como c-comprar fa-farinha?

— Ah, Moisés, faça-me o favor! Quem é que não tem dinheiro pra comprar um mísero quilo de farinha? Um cara desse, puta merda, é melhor que ele seja o sacrifício! Bom, vãopará com essas hipóteses absurdas, que ainda falta muito para terminarmos. Onde é que eu estava... Ah. Se um cara esquecer de trazer as ofertas devidas ao Tabernáculo, deverá trazer um carneiro sem defeito para ser sacrificado e assim ter seu pecado perdoado.

— E a-aí fi-fica p-perdoada a d-dívida?

— Tá pensando que eu sou trouxa, Moisés? O sacrifício é só para tirar a culpa do cara. Além do carneiro, ele vai trazer o que deve acrescido de multa de vinte porcento.

— V-VINTE P-PORCENTO??? Q-que a-absurdo!

— Tem que ser assim, se não esse povo avacalha tudo. Vamos adiante. Se um cara quebrar um dos meus mandamentos, também vai ter que trazer um carneiro sem defeito, aquele lero-lero todo. E este será o sacrifício também para quem ficar com alguma coisa que lhe foi entregue para guardar, ou não devolver o que lhe foi deixado como garantia de dívida, ou se roubar, ou agredir alguém, ou se jurar que não achou algo que de fato achou. Além do sacrifício, quem cometer qualquer dessas faltas deverá reparar o mal que fez. No caso de ter ficado com algo que não lhe pertencia, deverá devolver ao dono acrescido de vinte porcento do valor.

— Ô Ja-Javé, dá u-um je-jeito nessa m-multa aí, m-muito pe-pesada.

— Que pesada nada! Tem que ser assim, não quero que isso aqui vire uma zona. E vamos em frente, vamos em frente... O que vem agora... Ah, ofertas completamente queimadas.

— Pe-peraí, Ja-Javé. P-preciso mi-mijar.

— Vai lá, Moisés. E não se esqueça de lavar as mãos depois.

— Ih, q-que f-frescura é e-essa a-agora?

— Cê não viu nada ainda. Tô preparando umas leis aqui que cê vai ver só. Israel pode até não vir a ser uma grande potência, mas eu garanto que vai ser o povo mais limpinho desse mundo.

INSTRUÇÕES A RESPEITO DE VÁRIOS TIPOS DE OFERTAS

*(Levítico **6:8-30**; **7**)*

— Bom, Moisés, vamos agora às instruções para as ofertas todas.

— Ai, q-que sa-saco...

— Relaxa, Moisés. Para não perdermos tempo com esse negócio, botei tudo num PDF e vou passar para você. Não tenho paciência para ficar falando essas coisas. No arquivo tem instruções detalhadas sobre ofertas completamente queimadas, ofertas de cereais, ofertas para a ordenação dos sacerdotes, para tirar pecados, para tirar culpas, ofertas de paz, o que fazer com a gordura e o sangue, a parte dos sacerdotes... Bom, tá tudo aí.

— Ah, que be-beleza...

— É isso aí. Cansei desses diálogos chatos. Vamos passar a palavra para o narrador, que parece que ele quer contar como foi a ordenação dos sacerdotes.

A ORDENAÇÃO DOS SACERDOTES

*(**Levítico 8**)*

— *Ô Chicoteia! Acorda, caralho! Sua vez!*

Minha vez de quê?

— *De dar as cartas... Oras, de quê! De contar a história!*

Mané história! Moisés e deus tão conversando aqueles trecos chatos lá do Levítico. Me deixa dormir.

— *Que conversando nada! Já chegamos na ordenação dos sacerdotes.*

Já??? Impossível, isso fica lá no oitavo capítulo!

— *Pois é. Só que você fez aquela pilantragem de contar um pedação em dez linhas, deu nisso. Agora precisamos de um narrador para esse capítulo.*

Pô, mas logo eu?

— *Ah, mas só faltava essa! Você que inventou isto aqui, e agora vai deixar seus leitores na mão?*

Bah, peraí. Ó, esse cara aí pode fazer minha parte:

— *O Athayde Patreze??? Cê tá doido?*

Ué, a tal ordenação não é um acontecimento social? Então. Eu ia chamar o Amaury Jr., mas meu orçamento tá apertado.

— *Humpf. Tá, tá bom. Vamos lá então, Athayde, que parece que já começou o negócio*

— Nós estamos aqui no Tabernáculo de Javé no meio do deserto para a ordenação de Arão e seus filhos como sacerdotes. Ali na porta da tenda está o Moisés, nosso anfitrião, que é SIMPLESMENTE um lu-xo! Vocês podem ver que tem um monte de gente lá fora, populares que vieram assistir a toda essa demonstração de fausto e riqueza. Não são lindos? Estão ba-ban-do! Olha, parece que vai começar a cerimônia, Arão e os filhos dele chegaram perto de Moisés. Estão só de calção, vejam que sexy isso! Estão se lavando para poderem vestir as roupas novas. E vejam que roupas, tudo de tecidos finos, com detalhes e adereços em ouro, que coisa maravilhosa! Ficaram lindos, meninos! E agora? Ah, Moisés está borrifando azeite por toda a tenda. E derramou azeite sobre a cabeça de Arão também, para ordená-lo como sacerdote. Que ritual mais lindo, que demonstração de fé! Olha que bonito agora, Moisés está trazendo um bezerrinho para dentro da tenda. Que lindinho! Arão e os meninos botaram as mãos na cabeça do bichinho e... O que Moisés está fazendo? HEIN? Não é possível! ELE MATOU O BEZERRINHO! MATOU! TADINHO! Ai, eu não agüento! Ai, meus sais, meus sais!

Sai daqui, sua bicha. Cê não tá acostumado com essas coisas.

— Ai, que bom que você chegou, Chicoteia. Olha o que eles estão fazendo com o bichinho!

É assim mesmo, Athayde. Deixa comigo, eu termino de contar.

— Obrigado. Você é SIMPL...

Tá, tá, já sei. Aham. Então, Moisés matou o bezerrinho. Oras, que dúvida. Estava demorando pra ter um pouquinho de sangue pra Javé nessa história de ordenação. O tal bezerro era pra tirar os pecados dos sacerdotes. Moisés fez o negócio todo de borrifar sangue nos cantos do altar, derramar o resto na base, queimar a gordura e os miúdos, aquilo tudo que já estamos cansados de saber. Depois do bezerro, veio um carneiro para ser completamente queimado. E depois outro carneiro, esse especial para a ordenação, que Moisés matou e depois pôs um pouco do sangue na orelha direita de Arão, no polegar direito e no dedão do pé direito, fazendo depois o mesmo com seus filhos (o mesmo que fez com Arão, e não com o carneiro. Infelizmente). Feito isso, separou a gordura, o rabo, a melhor parte do fígado, os rins e a coxa direita do carneiro, mais um pão sem fermento da cesta das ofertas e deu tudo isso nas mãos dos sacerdotes recém-ordenados. Moisés ficou com o peito do carneiro, porque não é só Javé que come nessa história. E aí começou a sacanagem com os caras: Moisés pegou um pouco do azeite sagrado, misturou com o sangue que estava no altar e borrifou Arão e seus filhos com a mistura.

— Peraí, Moisés, que porra é essa? Olha nossas roupas novas!

— S-sei de n-nada! Ja-Javé que m-mandou fa-fazer isso. E m-mandou ta-também vo-vocês co-cozinharem a ca-carne ju-junto com o p-pão da c-cesta lá na e-entrada do Ta-Tabernáculo, e co-comeremm tudo. Vo-vocês v-vão fi-ficar se-sete d-dias a-ali na p-porta.

— Ah, Moisés, não fode! SETE DIAS ao relento na porta da tenda? NEM A PAU!

— Cê que sa-sabe, A-Arão. Ja-Javé d-disse que vai ma-matar quem n-não o-obedecer.

— Filho da puta...

— Hehehe.

ARÃO OFERECE SACRIFÍCIOS

*(**Levítico 9**)*

Passados os sete dias da ordenação, Moisés foi falar com Arão:

— E a-aí, ca-cabeção? C-confortável aí?

— CORNO! FILHO DA PUTA! SETE DIAS AO RELENTO! EU RENUNCIO A ESSA PORRA! RENUNCIO!

— Ca-calma, A-Arão. Não po-pode r-renunciar não, Ja-Javé a-acaba com a t-tua r-raça...

— Mas isso é trabalho escravo, porra!

— T-trabalho e-escravo na-nada. Cê tem c-comida de g-graça, boas r-roupas, m-mordomias. C-contente-se.

— HUMPF. Bom, pelo menos terminou esse negócio de ordenação.

— Hum... M-mais ou m-menos. A-ainda tem uns s-sacrifícios p-pra fa-fazer.

— Ah, não, Moisés! Mais sangue???

— É. E de-dessa vez v-vai ser uma ca-carnificina, p-porque o Ja-Javé vai v-vir pra ja-jantar.

— Vixe! Então vai ser pesado o negócio?

— De-demais. O-olha a li-lista...

— Hum. Um bezerro, um carneiro, um bode, outro bezerro, outro carneiro, um touro, OUTRO CARNEIRO, CARACA! Cereais, azeite. O cara tá com fome MESMO.

— É a la-larica... E-então, p-prepara t-tudo aí.

— Bom, não tem outro jeito. Vou falar pro povo trazer esses bichos todos.

O comunicado correu o acampamento, e em pouco tempo os animais solicitados pelo sanguinário Javé estavam à disposição no Tabernáculo. E foi um dia de sangue, com Arão matando os bichos todos. Ao final desse massacre monstruoso, Arão e Moisés saíram da tenda para abençoar o povo e todos puderam ver a brasa do baseado de deus brilhando sobre o Tabernáculo.

— POVO DE ISRAEL!

— OOOOOOOOOOOOOOOOH, JAVÉ!

— VOU FAZER UM NEGÓCIO LOUCO AGORA! PRESTENÇÃO!

Dizendo isso, puxou uma tragada forte e prendeu por um tempo. Quando soprou, em vez de fumaça veio uma labareda que queimou tudo o que estava no altar. O povo delirou:

— CARACA! JAVÉ É FODA! GRANDE JAVÉ! U-HU!

Muito satisfeito com sua apresentação, deus divulgou seu telefone para shows e sumiu. Pronto, os sacerdotes estavam ordenados. Vidão de matar uns bichos e comer de graça, não? Hum... Mais ou menos. Aguardem o próximo capítulo.

A MORTE DE NADABE E ABIÚ

*(**Levítico 10:1-7**)*

Bom, lembram do Nadabe e do Abiú? Como não, porra? Filhos de Arão, portanto sacerdotes. Baixem aí o **PDF do Êxodo**, deve ter algum capítulo em que eles são citados. Mas também nem vale o esforço, porque eles já vão morrer mesmo. Vão vendo. Numa manhã qualquer, os dois chegaram ao Tabernáculo para mais um dia de trabalho. Como de hábito, a primeira obrigação do dia era queimar incenso.

— Ô, Nadabe. Me passa o incenso aí.

— Que incenso? O incenso tá com você, oras.

— Tá louco? Hoje era seu dia de trazer incenso.

— Nem a pau! Eu trouxe ontem.

— Ai caralho... E agora, o que a gente faz? Se não tiver incenso, capaz do Javé ficar puto.

— Porra, tá com medo do Javé? Tá parecendo o pai e o tio Moisés, com esse negócio de Javé pra cá, Javé pra lá.

— Ah, então vamos fazer o quê? Deixar sem incenso e pronto?

— Claro que não. Peraí.

Nadabe saiu da tenda dizendo que voltava logo. Não foi difícil encontrar quem ele procurava; era o único sujeito de túnica laranja-brilhante no meio de tanto branco e cinza. Chamou o cara e ele veio pela estrada que levava ao Tabernáculo, cantando e tocando seu pandeiro:

— *Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare. Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare. Hare Krish...*

— Ô, Hare Krishna, chega de cantoria. Quanto tá esse incenso aí?

— É um real.

— UM REAL??? Mas é incenso de primeira qualidade!

— Pois é, aproveita que tá baratinho.

— Puxa... **Olha, esse incenso é tão bom, mas TÃO BOM que eu vou levar... UM**! *(*piada interna)*

Comprado o incenso, voltou para o Tabernáculo.

— Olha aí, Abiú. Duvido que o tal Javé vai saber diferenciar este incenso aqui daquele que queimamos todo dia.

— Nadabe, cê sabe o que tá fazendo?

— Claro que sei, oras.

— Vê lá, hein...

— Deixa de ser bunda mole, Abiú! Sai daí, deixa que eu queimo essa porra.

Todo seguro de si, Nadabe puxou seu Zippo do bolso da túnica e acendeu o incenso. Na mesma hora, deus acendeu seu Zippo gigante lá no fundo do Tabernáculo e lançou uma labareda que matou os dois irmãos carbonizados.

— Hehehe. Queriam me sacanear? Sacaneei vocês!

Vejam que deus bom e maravilhoso! Os caras trocaram o perfuminho dele e pronto: Bastou para que ele os matasse. Um pouco depois, Arão chegou e deu de cara com os dois filhos mortos no chão da tenda. Sem saber o que fazer, ligou pra Moisés, que veio na mesma hora.

— A-ai, ca-caralho, q-que a-aconteceu?

— Sei lá! Cheguei aqui e meus meninos estavam mortos. Isso é coisa do Javé, Moisés.

— É, de-deve ser m-mesmo... Hum... P-peraí, que i-incenso é e-esse? I-incenso de ha-hare k-krishna? P-putz, foi i-isso. Q-queimaram i-incenso e-errado e Ja-Javé fi-ficou p-puto.

— PORRA! Só por causa do incenso? Não é possível!

— C-claro que é p-possível. Ja-Javé é ch-cheio de ma-manias.

— Que filho da puta... E agora?

— A-agora o ne-negócio é se-sepultar os c-corpos.

Moisés então ligou para Misael e Elzafã (!!!), primos dele e de Arão, para que eles viessem tirar os corpos de dentro da Tenda e sepultá-los fora do acampamento. Enquanto isso, Moisés foi falar com deus para saber o que deveria fazer. Depois de um tempo saiu para falar com Arão e seus dois filhos restantes, Eleazar e Itamar:

— Se-seguinte: A o-ordem de Ja-Javé é q-que vo-vocês n-não fi-fiquem de lu-luto p-pela mo-morte dos dois. T-todo o po-povo de I-Israel po-pode fi-ficar de lu-luto, só vo-vocês que n-não. E vo-vocês estão p-proibidos de s-sair do Ta-Tabernáculo, se s-saírem, v-vão mo-morrer.

Que beleza, não? Mata os filhos do cara e ainda o proíbe de lamentar a perda. Isso é que é um deus bom!

LEIS PARA OS SACERDOTES

(**Levítico 10:8-20**)

O fato é que pegou mal pra caralho a morte de Nadabe e Abiú, então deus se viu obrigado a chamar Arão pra uma conversa.

— Ô, Arão. E aí?

— E aí nada. Resolveu falar comigo agora por quê? Sempre falou só com meu irmão. Que foi? Consciência pesada?

— Putz, Arão, foi mal. Às vezes eu me irrito e reajo de forma um pouco exagerada, sabe?

— UM POUCO EXAGERADA??? VOCÊ MATOU MEUS FILHOS!!!

— É, colocado assim é mesmo meio chato, né? Mas olha só, eles desobedeceram minhas leis e...

— ... E você matou os meninos. Maravilha, não?

— Calma, Arão, deixa eu falar. Vocês têm que obedecer minhas leis à risca, se não isto aqui vira uma esculhambação. Mas vamos tocar em frente, com essas coisas a gente vai aprendendo. E vou começar a falar com você e Moisés juntos, e não só com ele.

— Puxa, que honra imensa, eu não mereço!

— Poupe-me do seu sarcasmo, Arão. Quer virar churrasq... Arram... Er... Então. Olha só, vamos começar com algumas leis para os sacerdotes.

— Vou ali chamar o Moisés.

— Nah, nem precisa! Falo só com você mesmo, que é o principal interessado. Olha, toma aqui um bloquinho e uma caneta, vai anotando aí. Então. Seguinte: Cês não podem entrar bêbados no Tabernáculo. Nego que entrar aqui de fogo pode pegar fogo. Entendeu? Pegar fo... Hum. Desculpa aí, foi mal. Vamos adiante. Todo sacerdote deve saber de cor o que é puro e o que é impuro, para não trocar os pés pelas mãos e acabar se dando mal.

— E como é que é esse lance de puro e impuro?

— Ah, isso aí eu ainda vou passar pra vocês. Mas não agora. Cê tá de cabeça quente, foi um dia cheio. Vai descansar um pouco, outro dia eu chamo vocês aqui pra gente cuidar desses detalhes.

— Tá bom então. Té mais.

— Amigos?

— Veremos.

Arão saiu do lugar onde ficava a Arca da Aliança e foi para a área comum do Tabernáculo. E deu de cara com Moisés discutindo com Eleazar e Itamar detalhes sobre ofertas de cereais, sobre a parte do sacrifício destinado aos sacerdotes, sobre um bode que tinha sido queimado antes da hora e cuja carne não fôra comida por eles, como mandava a lei. Vendo e ouvindo aquilo, Arão emputeceu-se:

— Escuta aqui, Moisés! Cê não viu o que aconteceu hoje? Meus filhos, irmãos desses aí, morreram hoje por causa desse negócio de rituais e não sei mais o quê. E cê acha que a gente ia se preocupar com essas picuinhas? Se eu tivesse vindo aqui oferecer sacrifícios e comer a carne destinada aos sacerdotes, com o ódio que estou, você acha que Javé ia gostar? Hein, Moisés? Diante da justa fúria do irmão, Moisés preferiu ficar calado.

OS ANIMAIS PUROS E OS IMPUROS

*(**Levítico 11**)*

Com Arão um pouco mais calmo depois da conversa, era hora de deus botar em prática seu novo método de trabalho, falando com os dois irmãos, e não só com Moisés.

— Muito bem, chamei vocês aqui pra gente começar a se aprofundar nas leis e rituais que eu tô bolando cá dentro da cachola. Tá ficando uma beleza, cês precisam ver. E pra começar, nada melhor que a lista de animais puros e impuros.

— Animais puros e impuros? Que palhaçada é essa? Os bichos vão ter que tomar banho agora? Ou é outro tipo de pureza? Vamos ter que manter as fêmeas virgens?

— Arão, Arão... Você precisa ser mais tolerante.

— Eu sou tolerante. Tolerante até demais. Nunca saí por aí matando os filhos dos outros, veja você.

— Ô, rapaz, cê nunca vai esquecer essa história? Fala com seu irmão, Moisés.

— É, A-Arão. Pe-pega le-leve, se não é c-capaz do Ja-Javé ma-matar a gente.

— Não é pra tanto, Moisés. Estou tentando mudar, conter meu temperamento. Vocês vão ver, a partir de agora vou ser o Javezinho Paz e Amor.

— Sei.

— Pode acreditar!

— Tá bom. Fala logo aí o lance dos bichos sujos e imundos.

— Não. Animais puros e impuros. É importante isso aí, pra vocês se diferenciarem dos outros povos. Pois muito bem, vamos lá: Vocês poderão comer a carne de todos os ruminantes que têm o casco dividido em dois. Vaca, cabra, essas coisas.

— Q-que po-porra de re-regra é essa, Ja-Javé?

— Ah, sei lá, pombas! Não tive tempo de fazer uma classificação decente das espécies, então resolvi adotar essa regra. Não me torre. Humpf. Como eu ia dizendo: Vocês estão proibidos de comer carne de camelo ou coelho, por exemplo. E sabem por quê?

— Porque começam com a letra "C"?

— Porra, Arão, também não precisa esculhambar. Cês não vão comer esses animais porque eles são ruminantes, mas não têm o casco fendido. Percebem? E também não vão comer porco, por quê?

— P-porque é u-um pu-puta bi-bicho s-sujo?

— Não.

— Pra não pegar solitária?

— Claro que não.

— E-então p-por quê?

— Porque o porco tem o casco fendido mas não é ruminante. Entenderam agora?

— A-acho que s-sim.

— Vejam só que bela regra. Agora para os peixes: Vocês podem comer todo peixe que tiver escamas e barbatanas. Qualquer bicho aquático que não tiver escamas e nadadeiras está riscado da dieta de vocês a partir de agora.

— Podemos mudar o nome do acampamento para "Spa do Javé", que tal?

— Ah, Arão, quanta amargura no seu coraçãozinho... Anime-se, tudo isso é para o bem de vocês. Quanto às aves: São imundos os urubus...

— I-isso n-nem p-precisava di-dizer...

— Posso continuar?

— ...

— Humpf. São imundos: Os urubus, as águias, açores, falcões, corvos, avestruzes, corujas, gaivotas, gaviões, mochos, corvos-marinhos, íbis, gralhas, pelicanos, abutres...

— Vixe, não vai sobrar nada...

— DEIXA EU FALAR, PORRA! Hum... Abutres, cegonhas, garças, poupas e morcegos.

— HAHAHAHAHAHAHAHAHA.

— Que foi?

— HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA.

— QUE FOI, CARALHO???

— D-desde q-quando mo-morcego é a-ave, Ja-Javé?

— É ave se eu disser que é ave, ok? Eu que fiz o bicho e classifico como quiser. Não me encham o saco! Olhaí, perdi o fio da meada... Ah, faltam os insetos.

— Insetos? Quem é que vai querer comer inseto, Javé?

— Querer mesmo ninguém quer, Arão. Mas sabe como é a necessidade... Então fica assim: Os insetos que andam e voam são imundos. Vocês só poderão comer os insetos que saltam, ou seja, grilos e gafanhotos. E dos animais que eu não citei aqui são impuros todos os répteis, inclusive lagartixas, além dos ratos e toupeiras. Anotou tudo aí, Moisés?

— A-anotei. É s-só i-isso?

— É. Aí entram as regras complementares: Quem tocar no cadáver de algum desses animais impuros será considerado impuro até o pôr-do-sol. E qualquer coisa que tocar o cadáver de um desses animais, será impura. Bom, pega aqui a lista com maiores detalhes, tem aí o que fazer se um bicho morto cair dentro d'água, ou de uma panela, ou onde se guardam as sementes.

— Putz, é BEM detalhista mesmo, hein?

— É assim que eu quero, Arão. Quando vocês chegarem a Canaã, os povos que lá vivem vão comentar: "Puxa, que povo diferente, esses israelitas".

— Vão é chamar a gente de esquisito.

— Pois que seja. Pelo menos não serão iguais aos outros.

— E-então tá b-bom, Ja-Javé. É s-só i-isso m-mesmo?

— Claro que não! Tenham paciência, que ainda tenho um monte de rituais malucos aqui pra vocês.

LEI PARA PURIFICAÇÃO DA MULHER DEPOIS DO PARTO

(***Levítico 12***)

— Muito bem, muito bem, vamos em frente. Purificação de mulé recém-parida.

— Que linguagem é essa, Javé???

— É pra quebrar o gelo, Arão. Porra. Javezinho Paz e Amor, lembra? Hum... Bom. Tá aqui, ó: Quando a mulher parir um moleque, ficará impura por sete dias. Aliás, o mesmo vale para o período menstrual. Mas estamos falando de parto: Sete dias. No oitavo dia, o menino será circuncidado. E depois a mulher ainda ficará impura por mais trinta e três dias, por causa da perda de sangue durante o parto. Durante todo esse tempo ela não poderá tocar em nada sagrado, nem ir até o Tabernáculo.

— P-pô, Ja-Javé, q-quarenta di-dias i-impura? N-não é e-exagero n-não?

— Claro que não, ainda tá bom demais! Ruim mesmo é se parir uma menina: A mãe será impura por 80 dias.

— Pô, sacanagem. Isso aí é discriminação, Javé.

— Discriminação, Arão? DISCRIMINAÇÃO? Escuta aqui, eu tinha um belo plano para a raça humana quando criei essa porra toda. Estava tudo certo, tudo perfeito. Aí veio o Adão: "Pô, deus, bem que cê podia me arrumar uma mulézinha, essa vida de punheta não e mole", aquele nhenhenhém todo. Pois eu fui lá e fiz a vontade do cara: Arranquei uma costela dele (com anestesia, vejam bem!) e fiz uma puta mulé gostosa pra ele. Aí cês sabem o que aconteceu, né? Uma cobra ofereceu maçã pra vagabunda, ela ofereceu pro Adão e pronto: Lá se foram meus planos.

— Porra, Javé, quem mandou inventar uma regra tão esdrúxula também? "Não comam do fruto dessa árvore"... Não seria melhor nem ter plantado a árvore?

— Ah, Arão, não discute comigo. Eu faço as regras. E por causa de uma lambisgóia qualquer, minhas regras foram quebradas e tive que ter essa trabalheira toda de escolher um cara para ser o pai de uma nação, para eu tirar essa nação da escravidão, depois criar

toda uma série de rituais para diferenciá-la das outras. Um inferno a minha vida, graças a uma mulher. ODEIO MULHER!

— Hu-hum, sa-santa...

— Falou alguma coisa, Moisés?

— E-eu? E-eu n-não...

— Então me deixa continuar: Depois do tempo de purificação, a mulher trará até o Tabernáculo um carneirinho de um ano e um pombinho ou rolinha para oferecer como sacrifício. Se a miserável não tiver dinheiro pra comprar um carneirinho, pode trazer duas aves e tá tudo certo. Anotaram aí?

— Tudo anotado.

— Então esperem que eu vou ali tomar um pouco de ar e esfriar a cabeça. Falar de mulher me deixa com raiva. Quando eu voltar a gente continua.

LEIS SOBRE LEPRA

*(**Levítico 13:1-46**)*

— Cê viu, Moisés? O cara tem raiva de mulher!

— E-eu n-nem e-estranho mais. S-sempre de-desconfiei.

— Hum, sei... E vocês dois, hein? Quarenta dias sozinhos no alto do Sinai. Não rolou um clima não?

— T-TOMAR NO C-CU, A-ARÃO! Vê l-lá se eu s-sou de fa-facilitar pra vi-viado...

— Hehehe... Toma cuidado com a Javélia...

— QUE PORRA CÊS DOIS TÃO COCHICHANDO AÍ????

— Ô, Javé, já voltou? Falávamos sobre o quanto você é zeloso e limpo, com essas precauções higiênicas todas.

— Sei, sei... Então cês vão gostar mais ainda dessa parte sobre lepra.

— Le-lepra?

— É, Moisés. Lepra. Aquela doença nojenta. ARGH, não suporto leproso. Meu filho gosta, mas eu não SUPORTO e...

— Peraí, Javé. Filho? Você tem um filho?

— Er... Quem falou em filho?

— Você! Acabou de dizer que seu filho gosta dos leprosos.

— Cê tá velho Arão, tá ouvindo tudo errado. Humpf. Vê se me poupa das suas caduquices, que temos muito trabalho a fazer. Então. Leis sobre lepra, anotem aí. Se alguém tiver na pele uma mancha, uma inchação, um tumor, qualquer coisa que pareça que vai se tornar lepra, deverá procurar um dos sacerdotes. O sacerdote vai examinar o cara. Se a ferida estiver mais funda que a pele, com pêlos brancos, então é lepra, e o sacerdote declarará a pessoa imunda. Mas se a mancha for branca e não estiver afundada nem com pêlos brancos, então a pessoa ficará isolada por sete dias. Ao fim do isol...

— Peraí, Javé. Que porra de método diagnóstico é esse? Pelo que você falou, o cara pode estar até com micose.

— Foda-se, pra mim é tudo lepra. Nojo, nojo!

— Calma, santa!

— COMO É?

— Eu disse: Calma! Senta...

— Já estou sentado.

— Ah, não tinha reparado.

— HUMPF. Deixa eu falar, vai. Ao fim do isolamento, o sacerdote examinará o cara novamente. Se a mancha permanecer como estava, ele ficará isolado mais sete dias.

— O sa-sacerdote?

— Claro que não, porra! O leproso! Então. Depois desses outros sete dias, será examinado novamente. Se a mancha estiver desaparecendo e não tiver se espalhado, então é só uma coisa besta sem importância. O paciente lavará a roupa que estiver vestindo e será declarado limpo.

— Depois de perder duas semanas de trabalho...

— Oras, Arão, cê queria o quê nesses tempos difíceis? Licença remunerada? Não dá, né? Mas quanto ao tal cara com a mancha: Se depois de declarado limpo a mancha voltar a se espalhar pela pele, ele irá falar novamente com o sacerdote, que o examinará. Se comprovar que a mancha de fato está se espalhando, irá declarar o cara impuro, porque é um caso de lepra.

— N-não seria m-mais f-fácil co-contratar u-uns m-médicos, e-enfermeiras e t-tal?

— É verdade, Javé. Por que deixar esse negócio de saúde pública na mão dos sacerdotes?

— O orçamento desse ano tá apertado. Ano que vem talvez a gente consiga até abrir um hospital, fazer um programa de saneamento básico no acampamento...

— Xi, já ouvi esses papos...

— Bah! Então não enche o saco e continua anotando aí. Se um sujeito tiver suspeita de lepra, irá falar com o sacerdote, que fará o exame. Se houver na pele do cara um tumor branco, com pêlos brancos, e houver uma ferida aberta no lugar, então é um caso crônico de lepra. Não vai nem ser mandado pro isolamento, vai direto pra fora do acampamento. Mas se a doença tiver se espalhado pelo corpo todo, deixando a pele toda branca, a pessoa será declarada pura.

— C-claro. I-isso n-não é le-lepra, é vi-vitiligo.

— Verdade, Javé. Manja o Michael Jackson? Então.

— Pra mim é tudo lepra! Esse cara aí que ficar todo branco, por exemplo: Se aparecer uma ferida na pele do cara, seja onde for, ele será declarado impuro. E só vai se livrar se a ferida sarar depois. E continuando: Se alguém tiver um furúnculo que sarou e no lugar apareceu uma mancha branca ou avermelhada, já sabe o que fazer: Vai falar com o sacerdote para ser examinado. Se a mancha estiver afundada e com pêlos brancos, aquele leriado todo, então é lepra. Caso contrário, o cara ficará isolado por uma semana. Se nesse período a mancha se espalhar, é lepra e o cara será declarado imundo. Caso contrário, é só uma cicatriz, fica tudo bem. E o que vale para mancha deixada por furúnculo, vale pra queimadura.

— Porra, Javé, desde quando queimadura causa lepra???

— Não sei, não sei, melhor não arriscar. Se a gente deixar um leproso não diagnosticado no meio do acampamento, daqui a pouco vocês serão um povo de leprosos e todo meu projeto irá por água abaixo. E vamos em frente: Se uma pessoa tiver uma doença de pele no cabelo ou na barba, será examinada. Ferida funda, cabelos amarelados e ralos: Lepra, tchau.

— LEPRECHAUN???

— Mané leprechaun, véio surdo. LEPRA! TCHAU!

— Ah...

— Saco... Então. Mas se o negócio parecer mais ou menos normal, serve a mesma regra: Isolamento por sete dias, novo exame. Se a ferida não tiver se espalhado, a pessoa raspará o cabelo ou a barba, sem cortar os cabelos da parte doente, e ficará mais sete dias isolada. Se a ferida não se espalhar, a pessoa será pura. Caso contrário, é lepra.

— Po-porra, Ja-Javé, tá fi-ficando ch-chato isso...

— Peraí, já vou terminar. Se um homem perder os cabelos na parte de trás da cabeça ou ficar com entradas, ele continuará puro, apesar de careca. Vai ser mais difícil pra ele arrumar mulher, mas isso é o de menos. No entanto, se na careca do cara aparecer uma mancha cor de rosa, é lepra. O sacerdote o examinará e declarará o careca impuro. É lepra.

— LEPRA PORRA NENHUMA! Javé, estamos no meio do deserto, o tempo todo debaixo desse sol desgraçado. Um careca que andar por aí com a cabeça descoberta corre grande risco de pegar um câncer de pele, mesmo porque ainda não inventaram o Sundown. É câncer de pele, Javé, não lepra!

— É lepra! É tudo lepra essas porras! E os leprosos viverão fora do acampamento, totalmente isolados. Vestirão roupas rasgadas, não pentearão os cabelos e cobrirão o rosto da boca pra baixo, que é para serem reconhecidos de longe. E sempre que virem alguém se aproximando, gritarão: "Cuidado! Sou um leproso imundo!".

— P-pô, Ja-Javé, q-quanta c-crueldade!

— Crueldade nada! O lugar para onde os leprosos vão vai ter vários confortos. Quadras poliesportivas. Videokê.

— S-sério???

— Claro! Imagina os leprosos felizes, jogando vôlei. O juiz grita "Mão na rede!". "É minha, é minha!". E no videokê então, cantando "Jogue suas mãos para o céu/E agradeça lalalalá" ou "Já não tenho dedos pra contar/De quantos barrancos lalalá...".

— Puta que pariu, Javé, que senso de humor mais cruel. E os caras vão ter que ficar isolados lá para sempre, é isso?

— Claro que não! O cara pode ir fugindo aos pouquinhos: Um dia um dedo, no outro o nariz, no outro uma orelha, depois um pé...

— AAAAAARGH!

— Hehehe... Chega de brincadeira, vamos trabalhar

LEIS A RESPEITO DE MOFO

(***Levítico 13:47-59***)

— Bão, vamos continuar falando de lepra. Agora sobre lepra em tecidos e couro.

— Le-lepra em te-tecidos e c-couro?

— Que foi isso, tem um eco gago aqui? Sim, Moisés: Lepra em tecidos e couro.

— Hum... Javé? Não seria mofo?

— É LEPRA! PRA MIM É TUDO LEPRA! NOJO! NOJO! AAAAAAAARGH!

— Ca-calma, Ja-Javé...

— Ok, ok. Como quiserem. Mofo, tudo bem. Mas a lei é igual: Quando aparecer mofo numa roupa ou tecido de lã ou linho, ou em alguma coisa feita de couro, e a mancha vor avermelhada ou esverdeada, então é lep...

— Mo-mofo.

— É, é. Mofo. O sacerdote vai examinar o objeto e deixar num lugar separado por sete dias. Se depois disso a mancha tiver se espalhado, a roupa, ou tecido, ou objeto, ou o que seja, será queimado. Se a mancha continuar igual, o sacerdote mandará lavar o objeto e o isolará por mais sete dias. Se depois desse tempo a mancha não tiver mudado de cor, mesmo que não tenha se espalhado, o objeto será queimado. Mas se a mancha estiver perdendo a cor, o sacerdote rasgará aquela parte da roupa e beleza. Se o mofo aparecer depois, então o objeto será queimado. Se, por outro lado, depois de lavado o objeto a mancha sumir, será lavado novamente e declarado puro.

— Hum... Javé?

— Fala, Arão?

— Cê não tá exagerando não? Precisa mesmo botar o sacerdote pra cuidar de um negócio tão besta? Não seria mais fácil passar essa lei para o povo e cada um cuidar de suas coisas?

— Tá doido, Arão? Não confio nesse povo! Tem que fazer o negócio parecer mais sério do que é, e inventar um monte de rituais, que é pra ficarem com medo. Se não for assim, não fazem nada.

— Então tá...

— Humpf. E peraí, que ainda temos que conversar mais um pouquinho sobre lepra.

— Le-lepra m-mesmo?

— É, é. Lepra mesmo. Vou explicar pra vocês as cerimônias de purificação para ex-leprosos. Mas depois, que é um negócio muito chato.

CERIMÔNIAS DE PURIFICAÇÃO

*(**Levítico 14:1-32**)*

— Ué, cadê o Arão?

— L-lá fora. D-disse que p-precisava to-tomar um p-pouco de a-ar.

— Hum. Seu irmão não vai muito com a minha cara, né?

— N-não. Mas ta-também, cê q-queria o q-quê, de-depois de t-ter ma-matado o-os...

— ... de ter matado os filhos dele. Tá bom, tá bom, já tô cansado desse papo. Isso já faz tanto tempo, o cara não esquece.

— F-foi se-semana p-passada!

— Ah, foi? Hum... Esse negócio de eternidade me faz perder a noção do tempo. Ok, tudo bem, vamos continuar sem o Arão. Deixa ver aqui onde eu estava. Ah, tá. Um leproso que achar que foi curado deverá vir falar com o sacerdote, que o levará para fora do acampamento para examiná-lo. Se ele estiver curado mesmo, o sacerdote mandará trazer duas aves puras, um pedaço de cedro, lã tingida de vermelho e um hissopo.

— Hi-hiss... Hi-hi-hisso... O q-quê?

— Hissopo, Moisés. Planta medicinal da família das labiadas que pode ser usada como broxa.

— U-ué, p-pra i-isso a ge-gente po-pode usar o A-Arão m-mesmo.

— Não, Moisés. Não estou falando do indivíduo sem potência sexual, mas da broxa, do francês *brosse*, pincel grande de pêlos curtos usado para caiação e outros serviços de pintura pouco apurada.

— Ca-caraca, Ja-Javé, tá p-parecendo um di-dicionário fa-falando.

— Pois é, comprei um *Aurélio*, facilita as coisas. Mas retornemos ao nosso assunto... O sacerdote vai pedir essas coisas todas. Depois mandará que matem uma das aves em cima de um pote de barro cheio de água. Mas tem que ser água da fonte, hein?

— Vi-vixe, tá pa-parecendo ma-macumba isso a-aí...

— Não enche, prestenção. Aí ele vai pegar o outro passarinho, o cedro, o pedaço de lã e o hissopo e mergulhará tudo no sangue da ave morta. Em seguida borrifará o homem sete vezes com o sangue (usando o hissopo) e o declarará limpo.

— P-pô, p-precisa me-melecar o ca-cara com sa-sangue?

— Precisar não precisa, mas é que eu gosto dessas coisas. E como quem manda aqui nessa porra sou eu, vocês vão fazer do jeitinho que eu tô dizendo. Humpf. Depois de borrifar o cara, o sacerdote soltará a outra ave no campo, para que voe linda, leve, solta, *FLY AWAAAAAAAAAAAAAAAY, SKYLINE PIGEON FLYYYYYYYYYY..."*

— Me-menos, Ja-Javé.

— Aham... Então. O ex-leproso deverá lavar a roupa que estiver usando, rapar todos os cabelos e pêlos do corpo e tomar um banho. Feito isso, entrará no acampamento, mas ficará sete dias fora da barraca. No sétimo dia, vai rapar de novo o cabelo, a barba, as sobrancelhas e todos os pêlos do corpo, lavar a roupa e tomar um banho, e estará limpo.

— Q-que sa-sacanagem, Ja-Javé!

— É mesmo, não é? O cara parecendo o Espiridião Amin e sendo obrigado a dormir ao relento. Rá! Me divirto com essas coisas.

— M-mas aí j-já é de-demais.

— É nada! Ainda tem mais: No dia seguinte, o cara levará ao sacerdote dois carneirinhos e uma ovelhinha de um ano, três quilos de farinha com azeite e mais um quarto de litro de azeite puro. O sacerdote levará o homem e suas ofertas até o Tabernáculo, onde matará os bichos todos e fará uma baita melequeira no ex-leproso, com sangue, azeite e farinha.

— Po-porra, Ja-Javé, o po-povo não vai a-aceitar i-isso não!

— Vai sim, Moisés. Primeiro porque eu estou mandando, e se não aceitarem eu mato todo mundo. E segundo porque você não vai falar desse jeito pra eles. Redigi o texto aqui de forma a parecer uma coisa séria, um ritual a ser seguido e tal. Passa assim pro Arão que ele nem vai perceber a sacanagem.

— Que que tem eu?

— Ô, Arão! Chegou bem na hora. Estava falando aqui pro Moisés que o próximo assunto vai interessar muito a você: lepra nas casas.

— Mofo, Javé.

— Que seje.

— Que seja, Javé.

— Não abusa.

LEIS A RESPEITO DE MOFO NAS CASAS

(***Levítico 14:33-57***)

— Muito bem. Quando houver lepra numa casa.

— PORRA, JAVÉ! É MOFO! MOFO! NÃO LEPRA! **MOFO!**

— Hum... Arão?

— Quê?

— Lembra dos seus filhos?

— Claro.

— Quer ir encontrá-los mais cedo?

— Er... Não.

— Então não abuse do Javezinho Paz e Amor aqui.

— Ok.

— Como eu ia dizendo, quando houver **MOFO** em uma casa...

— S-só u-uma co-coisa, Ja-Javé...

— Ai meu saco... Que foi agora?

— N-nós não te-temos c-casas. Mo-moramos em t-tendas, le-lembra?

— Eu sei, Moisés. Essa lei é pra quando vocês estiverem morando em Canaã.

— Ah, e lá nós vamos morar em casas de tijolo e tal?

— Vão sim, Arão. Tô pensando em fazer um Projeto Cingapura por lá, ou uma Cohab, ou um mutirão, não sei ainda. Mas então. Quando vocês estiverem lá em Canaã, e o dono de uma casa perceber que há mofo nas paredes, irá falar com o sacerdote. O sacerdote ordenará que tirem tudo o que houver dentro da casa e depois fará o exame. Se houver

manchas esverdeadas ou avermelhadas nas paredes, o sacerdote deixará a casa fechada por uma semana.

— Com os móveis do lado de fora? E o dono da casa, fica como?

— Bah, cada um com seus problemas. A casa fica sete dias fechada, o dono que se vire. Parentes todo mundo tem. Porra, Arão, não me encha com esses detalhezinhos sem importância.

— Ok, tá bom...

— Tá aprendendo, né? Bom... Passada uma semana, o sacerdote voltará a examinar a casa. Se as manchas tiverem se espalhado, as pedras em que houver mofo serão tiradas e todo o reboco raspado, e tudo isso será jogado numa caçamba de entulho fora da cidade. Depois disso, serão colocadas pedras novas e a casa será rebocada novamente. Se depois dessa trabalheira toda aparecer mofo na casa novamente, puta que pariu, vai ter azar assim lá longe! A casa será derrubada e todo o entulho levado para a caçamba fora da cidade.

— Po-porra! O c-cara v-vai fi-ficar s-sem ca-casa só p-por ca-causa de um p-pouco de mo-mofo!

— É isso aí! Quero que vocês sejam puros!

— Você quer é que pensem que somos malucos...

— Disse alguma coisa, Arão?

— Eu disse que nessa época o deserto é cheio de macucos.

— Hã? Arão, acho que cê tá ficando caduco.

— É, acho que sim.

— Pois é... Mas continuando: Se depois da reforma o mofo não aparecer mais, a casa será declarada pura. Aí o sacerdote vai fazer toda aquela presepada com os dois passarinhos, o cedro, a lã vermelha e o hissopo.

— Que presepada é essa?

— Ah, é. Cê não tava aqui Arão. O Moisés anotou, depois ele te passa. É uma cerimônia para purificação da casa.

— Parece mais é macumba...

— Bah, vocês dois sempre com as mesmas idéias. Bom, acabou esse negócio de lepra e mofo. Vamos falar de coisas mais interessantes...

LEIS A RESPEITO DAS IMPUREZAS DO HOMEM E DA MULHER

(***Levítico 15***)

— Porra, vamos trabalhar?

— Fi-finalmente, hein, Ja-Javé?

— Não olha pra mim assim. Culpa desse Chicoteia, que só sabe falar da tal **festa**. Mas até que foi bom, porque eu também não estava muito a fim de falar desse assunto. Tem uns lances aí de vocês que, sinceramente, me dão nojo.

— Ô, Javé. Nojo da gente?

— Claro! Claro! Cês são cheios de porqueiras, de excreções, argh!

— U-ué, n-não f-foi vo-você que fez a ge-gente a-assim?

— Sei de nada! Sei de nada! Só sei mesmo que essas coisas me dão nojo. Corrimento, por exemplo. Tem coisa mais desagradável? Então. Aí resolvi fazer leis para essas coisas também. Vão anotando: Um homem que tiver corrimento, ficará impuro, assim como a cama em que se deitar ou o lugar em que se sentar. Uma pessoa que tocar a cama do cara ou o lugar onde se sentou, ou encostar nele mesmo deverá lavar a roupa que estiver vestindo e tomar um banho, e ficará impura até o pôr-do-sol. O mesmo vale se o cara do corrimento cuspir em alguém.

— CUSPIR??? Pra que o cara ia cuspir em alguém, Javé?

— Sei lá! Cês são todos porcos, não duvido de nada! Melhor prevenir. E a mesma lei vale também para quem tocar em qualquer coisa que tenha estado em contato com o cara do corrimento.

— Cê n-não tá e-exagerando n-não, Ja-Javé?

— Exagerando, exagerando... É só isso que vocês sabem me dizer. Quero ver se eu afrouxar e depois estiver todo mundo aí com corrimento, o que é que vocês vão vir me dizer. HUMPF. Bom. Quando o homem sarar, esperará sete dias para se purificar. Ao oitavo dia, levará duas rolinhas ao sacerdote para serem sacrificadas. Percebem o simbolismo das rolinhas? Hã? Hã? ROLINHAS!

— Tá, Javé. Entendemos. Muito engraçado. Agora toca o barco.

— Ok, foi ruim mesmo. Deixa eu ver aqui o que vem em seguida... Hum... Ah, porra!

— Qu-que foi a-agora, Ja-Javé.

— Hã?

— Cê di-disse, "po-porra!".

— Ah, não! A lei que vou passar agora é sobre isso: Um homem que melar a cueca deverá tomar um banho, e ficará impuro até o pôr-do-sol. A cueca e qualquer outra roupa que entrar em contato com o esperma deverá ser lavada, e também ficará impura pelo mesmo período. A mesma lei vale para quando um homem e uma mulher tiverem relações sexuais: Os dois tomam banho e ficam impuros até o fim da tarde. Anotaram tudo aí?

— Tu-tudo be-beleza.

— Então continuemos. Quando uma mulher menstruar, ficará impura enquanto durar a menstruação. Aquelas leis para as coisas ou pessoas que tiverem contato com o cara com corrimento valem também para mulher menstruada. Ao fim do período, ela esperará sete dias, e então levará duas rolinhas para serem sacrificadas pelo sacerdote. E é isso.

— Hum... Javé?

— Sim, Arão?

— Será que não dava para dar uma incrementada nessa lei aí não?

— Com assim?

— Eu tava aqui pensando... A gente podia isolar as mulheres uns dias antes de começar a menstruação. Pode até ser num lugar fora do acampamento, junto com os leprosos. Aí elas ficam por lá durante a TPM e todo o período das regras, e voltam depois, quando já estiverem normais. Quer dizer, isso se não pegarem lepra nem nada assim.

— Po-porra, A-Arão, b-boa i-idéia!

— Verdade, Arão. Excelente idéia.

— Você acha mesmo, Javé? Então podemos incluir aqui nas nossas anotações?

— Não.

— Não?

— Não.

— Por que não?

— Porque eu não tô aqui pra facilitar as coisas pra vocês, oras! Me divirto com o desespero de vocês quando as mulheres enlouquecem de repente!

— Filho da puta...

— Não reclama, vamos em frente.

O DIA DO PERDÃO

(Levítico 16)

Então, farisaiada. Tão pensando que a vida é só **festa**? Que nada! O papo lá de deus com Moisés e Arão continua. Na retomada da conversa, deus dá um toque para o sumo-sacerdote:

— Arão, tenho um negócio muito importante pra te falar. Seguinte: Cê não pode entrar a hora que quiser no Santíssimo Lugar, onde está a Arca. Só depois de ter matado um bezerro e um carneiro para oferecer como sacrifício, e de ter tomado um banho e vestido as roupas sacerdotais. Guarde bem essa lei. Isso é para evitar que, por ignorância, você acabe morrendo como seus filhos.

— Não seria mais fácil você deixar de ser truculento e ignorante, matando todo mundo que faz alguma coisa fora das suas regras?

— Ah, Arão, assim não dá! Ia virar uma esculhambação: Num dia cê esquece o bezerro, entra lá e eu faço vista grossa. No outro cê chega atrasado, não tem tempo de tomar banho, entra e eu deixo quieto. Se eu for deixando, dia desses cê me aparece pelado no Santíssimo Lugar, balançando seu Pequeníssimo Lugar na minha frente. Não posso deixar isto aqui virar zona. Porque eu sou é deus, tá sabendo? DEUS!!!

— Tá bom, vai. Toca o barco.

— Hum, muito bem. Vamos falar sobre o Dia do Perdão, também chamado Yom Kippur, também chamado O Dia Em Que O Bom Retiro E Higienópolis Param. Quando chegar o Dia do Perdão, o povo entregará a Arão dois bodes para a oferta para tirar pecados e um carneiro para holocausto. Antes de fazer qualquer coisa, Arão pegará o bezerro que será oferecido em sacrifício pelos seus próprios pecados e pelos de sua família. Depois trará os dois bodes até a entrada do Tabernáculo. Então ele vai tirar a sorte usando duas pedras, uma escrita "Javé" e outra escrita "Azazel". O bode que ficar com a minha pedra será oferecido em sacrifício aqui. O outro será oferecido vivo e depois enviado ao deserto, para Azazel.

— A-Azazel? Q-quem é e-esse?

— Er... Um cara aí.

— Um cara aí?

— É. Um... Um... Um deus...

— UM DEUS???

— É. Fala baixo, porra.

— M-mas cê n-não fa-falou que o ú-único deus e-era vo-você?

— Falei, falei. Esse Azazel aí não é bem um deus... É um... Um demônio do deserto, pronto. Falei pra ele que tava com esse projeto de escolher um povo e inventar uma religião, e ele disse que comprava uma cota de publicidade. Me pagou uma puta grana, então eu encaixei ele nesse negócio do Yom Kippur, que é um negócio de destaque, e prometi o tal bode.

— Hum... A-anoto i-isso?

— NÃO!!! Deixa sem explicação nenhuma, melhor assim. E esquece esse assunto, vamos em frente. Feito o sorteio dos bodes, Arão trará o bezerro dele e o matará ali no altar. Depois disso, pegará dois punhados de incenso consagrado e levará para o Lugar Santíssimo, atrás da cortina. Aí ele vai botar o incenso no fogo do propiciatório, para que o lugar fique perfumadinho e Arão não morra, como os filhos dele.

— VAMOS PARAR DE FALAR DESSE ASSUNTO, PORRA???

— Tá, tá, desculpa... Depois de acender o incenso, ele aspergirá o sangue do bezerro sobre o propiciatório. Então voltará ao altar, degolará o bode que teve a sorte de ser dedicado a mim, e fará com o sangue dele o mesmo que fez com o do bezerro, aspergindo o propiciatório. Durante todo esse tempo, ninguém deverá entrar no Tabernáculo. Esse negócio aí de aspergir o propiciatório com sangue é para purificá-lo, e Arão fará o mesmo com a tenda e o altar. Terminada a purificação do Santíssimo Lugar, do Tabernáculo e do Altar, Arão trará o bode vivo. Colocará as mãos sobre a cabeça do bicho e confessará todos os pecados do povo de Israel. Desse jeito, os pecados todos cairão sobre o bode. Precisamos de um nome para esse bode, um nome de impacto... Bode Expiatório, tá aí. Depois de passar a pecadaiada toda pro bode expiatório, Arão designará um homem para levar o bicho para soltar no deserto, que é pra Azazel não me encher o saco. Cês tão anotando tudo aí?

— E-estamos, Ja-Javé. M-mas é m-meio ca-cansativo i-isso aí.

— Peraí, tô terminando. Depois de tudo isso, Arão e o homem que tiver levado o bode expiatório ao deserto deverão tomar um banho.

— JUNTOS???

— Só se você quiser, santa. É cada uma... Bom, o bode e o bezerro que foram sacrificados serão queimados fora do acampamento. O homem que ficar encarregado disso também tomará um banho. Se você quiser, Arão, pode ser junto com você e o outro cara. Respeito isso aí.

— Tá, Javé, não abusa.

— Hehe. Então é isso aí o Dia do Perdão.

— S-só f-faltou u-uma c-coisa, Ja-Javé. Di-dizer que d-dia se-será ce-celebrado o Yom K-Kippur.

— Bem lembrado, Moisés. Vai ser no décimo dia do sétimo mês desse calendário maluco de vocês. Esse dia será como um sábado, vocês não trabalharão. É um dia totalmente dedicado ao perdão dos pecados. Anotado?

— Anotado.

— Toquemos o bonde.

A PROIBIÇÃO DE SE COMER SANGUE

(Levítico 17)

E o papo lá dos três não acaba nunca:

— Bom, vamos falar de um assunto bom agora. Sangue.

— Bom pra você, que é sanguinário...

— Arão, se você me interrompesse menos a gente já tinha terminado essa merda. Mas vamos falar de sangue. Se alguém degolar um boi, ou ovelha, ou cabra, e não trouxer o bicho aqui pro Tabernáculo para oferecer em sacrifício, esse cara será expulso do acampamento.

— Po-porra, Ja-Javé! Ni-ninguém vai po-poder ma-matar os b-bichos de c-criação?

— Claro que não! Pensam que eu não sei? Se eu deixar, daqui a pouco vai ter nego oferecendo sacrifício pra outros deuses por aí. Conheço vocês! Tudo feladaputa! Se eu não fico esperto, só me fodo!

— Tá, Javé! Já entendemos!

— HUMPF. Isso aí vale tanto para israelitas como para estrangeiros que estiverem morando no acampamento. E também vale para quem comer sangue: Será expulso do acampamento.

— Ô, Javé. Só porque o cara comeu um pouco de sangue vai ser expulso? Que bobagem!

— BOBAGEM NADA! É no sangue que está a vida! NO SANGUE!

— Cê precisa atualizar seus conhecimentos...

— NÃO ENCHE! Eu que inventei essa porra toda, se eu digo que a vida tá no sangue, é porque tá! ORAS! Por isso quem caçar um animal, antes de qualquer coisa deverá derramar seu sangue e cobrir com terra. E quem comer a carne de um bicho que tenha sido morto por animais selvagens deverá tomar um banho e lavar suas roupas, ficando impuro até o pôr-do-sol. Se não fizer isso, será expulso e blablablá. Cês tão anotando?

— Hum... Ja-Javé?

— Fala, Moisés.

— Se-será que já não t-tá b-bom não? T-tá fi-ficando ch-chato isso, a-arrastado.

— Chato e arrastado é você falando. Ainda tem muita coisa pela frente. Mas vou dar uma maneirada: Vamos falar sobre sexo.

— O-oba! P-putaria!

— Putaria nada: Regras contra a putaria. Vai anotando...

LEIS CONTRA A PUT... *ARRAM!* LEIS DE MORAL SEXUAL

(Levítico 18)

— Muito bem, vamos lá. Putaria.

— Ôba!

— Essa piada já foi, Arão.

— Ah, é. Desculpa aí, foi mal.

— Então. É o seguinte: Eu não quero que vocês ajam como os egípcios. Lembram a baixaria que era lá, a esculhambação? Pois em Canaã, pra onde vocês tão indo, é a mesma coisa. E eu não quero que vocês sejam assim. O negócio aqui é sério. Por isso resolvi fazer leis pra isso também. Vão anotando aí.

— Po-porra, Ja-Javé. Já t-tô com t-tendinite.

— Depois eu te pago uma fisioterapia, Moisés. Agora anota: É proibido comer a própria mãe. Claro, ninguém quer ser filho de um corno e de uma puta. Então tá proibido. Assim como trepar com qualquer esposa do pai. Com irmã também não pode, mesmo que seja só por parte de mãe ou de pai, ou que tenha sido criada longe. E isso vale pra filha, neta, tia, cunhada, nora.

— Avó pode?

— Claro que não, porra!

— Pô, mas se meu pai come minha mãe todo dia, seria justo eu comer a dele.

— Cê tá todo engraçadinho hoje, né Arão? Vamos trabalhar mais e deixar de conversa mole. Deixa eu ver aqui... Hum, um teste pra você. Suponha que você, Arão, comeu uma dona aí. Beleza, comeu, não ligou no dia seguinte, nunca mais viu. Vinte anos depois você encontra a filha da mulher. Linda, gostosa, uma coisa. E ela te dá bola. O que cê faz?

— Gostosa e me dando bola? Eu traço!

— **TRAÇA É PORRA NENHUMA!** Ela pode ser sua filha, ô burro!

— Ah, é...

— Fica esperto. Moisés, cê é casado com aquela baranga lá. Qual o nome dela mesmo?

— Z-Zípora.

— Pois então. Suponha que a Zípora tem uma irmã. Você se casaria com a irmã dela?

— C-claro que n-não!

— Muito bem! E por que não?

— P-porque na-naquela fa-família é t-tudo sangue r-ruim.

— Ai, meu saco... Não, Moisés. Você não pode se casar com a irmã de uma mulher com a qual você já esteja casado, isso é verdade. Mas é pra evitar dor de cabeça. Esse negócio de poligamia já dá uma confusão danada, cada uma das esposas querendo ser a predileta, aquele nhenhenhém. Se além disso duas delas forem irmãs, aí é que o cabra não tem sossego mesmo. Entendeu?

— E-entendi.

— Então vamos em frente. É proibido ter relações sexuais com uma mulher menstruada. Comer a mulher dos outros, nem pensar. Hum, que mais... Ah, nenhum pai deverá entregar seu filho para Moloque.

— Mo-Moloque? Q-quem é e-esse ca-cara?

— Um dos deuses lá de Canaã. Cês falam mal de mim porque peço sangue de ovelha, cabra, bezerro. Pois saibam que lá os caras oferecem os próprios filhos em sacrifício a Moloque.

— Cáspita!

— Pois é! Eu sou um deus até que maneiro, vocês que são uns ingratos. Humpf. Bom, deixa eu ver, acho que não falta mais n... ÔPA! Tava esquecendo um negócio importante: Eu não su-por-to veadagem!

— HUM!!! Não *su-por-ta*! Santa!

— Arão, tu anda muito abusado. Fica na sua aí que é melhor. E deixa eu continuar: Homem que ceder o berráindi, vai se ver comigo.

— Q-que fi-fizer o q-quê?

— Que der ré no quibe, Moisés.

— Co-como?

— Ai ai... Que beijar de lado.

— A-ainda não e-entendi.

— PORRA, MOISÉS! TÔ FALANDO DE EMPURRAR A JANTA! CEDER O ANEL DE COURO! DAR O REDONDO! ENTREGAR O BUTICO! LIBERAR O BRIOCO! FORNECER A CAUDA! CONCEDER O TRASEIRO! ARRENDAR OS FUNDILHOS! ATENDER PELA PORTA DOS FUNDOS! PISAR NA CHAPINHA! ESCORREGAR NO QUIABO! Entendeu?

— ...

— Bah! Bota aí que é proibido dar a bunda.

— A-ah!

— Grunf. E é proibido também ter relações com os animais.

— Pô, mais e a Genov...

— Como, Arão?

— Hein? Nada não.

— Não, cê falou alguma coisa.

— Nah! Tava pigarreando! Toca o barco, Javé, toca o barco!

— Hum. Bom. São essas aí essas leis. E devem ser seguidas à risca. Uma das razões pelas quais eu odeio aquele povo lá de Canaã é por causa da putaria que é aquilo lá. Tudo anotado?

— Beleza.

— Então vamos em frente. Falta pouco.

— S-sério?

— Não.

— HUMPF.

LEIS DIVERSAS

(Levítico 19)

— Bom, vamos continuar? Tenho um monte de papeizinhos aqui com umas leis anotadas, tá uma zona.

— Po-porra, Ja-Javé, cê j-já f-foi me-melhor...

— Relaxa, Moisés. Essas leis não são tão importantes quanto os ingredientes do incenso, ou as leis sobre lepra nas casas.

— Mofo, Javé. MOFO!

— Ou isso. Mas como eu ia dizendo: Leis menores. Só um reforço do que já falei antes, que é pra vocês guardarem bem: Respeitem pai e mãe, não trabalhem no sábado, não adorem outros deuses, respeitem as regras para os sacrifícios. E outras bobagens aqui. Cês querem ouvir?

— Querer a gente não quer. Mas já estamos aqui mesmo, então manda.

— Tá. Mas nem precisam anotar, viu? É tudo bobeirinha mesmo. Por exemplo: Quando vocês forem colher o trigo, não colham dos pés que ficam na beira do campo, nem voltem pra pegar as espigas capidas. Da mesma forma, não façam uma segunda colheita nas suas plantações de uvas. O que for deixado pra trás é pra ficar por lá mesmo, para os pobres e estrangeiros que estiverem passando pelas suas terras.

— Isso é bobeira, Javé?

— Pois é, Arão. Tá vendo?

— MANÉ BOBEIRA! Essa é a primeira lei decente que você traz aqui! É humanitária, caridosa!

— E eu ligo pra essas coisas, Arão? Só fiz essas leis por causa da insistência do meu fi... ARRAM!

— I-insistência de q-quem? Do s-seu fi-filho???

— Não falei em filho! Não falei em filho! Insistência do meu fiSIOTERAPEUTA. Ele é cheio dessas coisas.

— Hum. Desde quando deus precisa de fisioterapia?

— Ô, Arão! Cê por acaso sabe a minha idade? Pensa que é fácil? Tô com vários problemas de velho, cara. **Até pentelho branco eu tenho**. Ando caducando: Fui a uma festa dia desses e dizem que eu toquei bongô na careca de um cara lá. E tô com problemas nas juntas também, então contratei esse fiSIOTERAPEUTA. Que não é meu filho. Porque eu não tenho filho. Filho! Hahaha.

— T-tá. J-já e-entendemos.

— Então vamos em frente com as leis do meu fil... fiSIOTERAPEUTA. Não roubem, não mintam, não enganem os outros. Não façam juramentos falsos. Não explorem nem roubem os outros. Não atrasem o pagamento dos trabalhadores.

— Caraca! Nem parece Javé falando! Vai fazer reforma agrária também?

— Não me torra, Arão. Vamos em frente com essas leis malucas do JC.

— Jo-jotacê?

— Hum... É. Joelmir Creosólito. Meu fiSIOTERAPEUTA.

— HAHAHAHAHA! Nomezinho escroto!

— Tá rindo de quê, Arão? A mãe de vocês chamava Joquebede!

— Sa-sacanagem i-isso a-aí, Ja-Javé.

— Sacanagem é ficar me interrompendo. Vamos lá, vamos lá. Onde é que eu estava? Ah, aqui: Não xinguem o surdo, não botem nada no caminho do cego. Eu **não suporto** pegadinhas.

— Po-por q-quê, Ja-Javé?

— Por causa de um **episódio chato** aí que me aconteceu. Não gosto de falar disso, continuemos: Quando forem julgar alguma causa, sejam rigorosos e justos, sem tentar favorecer os pobres nem lamber o saco dos poderosos. Nã sejam fofoqueiros, não façam acusações falsas. Não sejam rancorosos, corrijam com franqueza aqueles que estiverem errados. Não sejam vingativos. Cada um deve amar aos outros como ama a si próprio.

— Peraí, Javé! PERAÍ! QUE PORRA É ESSA? AMAR OS OUTROS? Cadê os castigos? Cadê os rituais?

— Hum... É mesmo, Arão. Tá uma veadagem isso aqui! Peraí, que eu vou inventar umas leis mais legais. Hum... Deixa eu ver... Ah, sei lá! Não cruzem animais domésticos de espécies diferentes.

— F-fraquinha e-essa.

— Peraí, peraí, deixa eu pensar... Não semeiem sementes diferentes no mesmo campo!

— Tá melhorando...

— Não vistam roupas feitas de tipos diferentes de tecido!

— A-aê, esse é o Ja-Javé q-que eu co-conheço!

— Isso aí! E se um homem tiver relações com uma escrava que já foi prometida pra outro cara, ele e a escrava serão castigados. Para tirar sua culpa, o homem trará um carneiro aqui para oferecer em sacrifício. Sangue! SANGUE! SAAAAAAAAAAAAAAAAANGUEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE! Ah, como é bom isso! COMO É BOM! Vamos em frente, vamos em frente! Quando vocês estiverem morando lá em Canaã e plantarem uma árvore frutífera, não comam seus frutos durante os três primeiros anos, porque serão impuros. No quarto ano, os frutos serão dedicados a mim. Só a partir do quinto ano vocês poderão comê-los.

— M-mas p-p-p...

— CALABOCA! TÔ EMPOLGADO! Não comam carne com sangue! Não façam feitiçarias nem adivinhações! Não cortem o cabelo dos lados da cabeça nem aparem a barba!

— Acho que já deu, Jav...

— NÃO ME INTERROMPA! Não entreguem suas filhas para serem prostitutas nos cultos de fertilidade! Não trabalhem no sábado!

— J-já fa-falou...

— BAH! Não procurem ajuda de médiuns, cartomantes, quiromantes, pretos-véios, porra nenhuma dessas. E... E... E... Porra, me ajudem! Mais leis! Mais rituais!

— Pô, Javé. Volta pras leis do seu fiSIOTERAPEUTA. Tava mais legal.

— Ô, merda. Tem mais umas coisas aqui. Fiquem de pé na presença das pessoas idosas e as tratem com todo o respeito. Não maltratem os estrangeiros. Eles devem ser amados como se fossem israelitas, porque vocês também já foram estrangeiros, lá no Egito. Não dêem uma de espertalhões, roubando nos pesos e medidas das mercadorias. Sejam honestos. E blablablá. É isso.

— Anotado.

— Bah! Leis sem graça...

CASTIGOS PARA VÁRIOS PECADOS

(Levítico 20)

— Aê, seus vagabundos. Tô pagando vocês pra quê?

— Hum... Ja-Javé, cê n-não t-tá pa-pagando a ge-gente n-não...

— Foi só uma força de expressão, Moisés. Vamos trabalhar.

— Ô, Javé, dá um tempo. Já não tem lei demais não?

— Relaxa, Arão. Vamos falar de coisas legais agora.

— EBA!

— Anotem aí: Castigos para vários pecados...

— Ca-castigos? I-isso é b-bom?

— Se é bom eu não sei, mas eu me amarro. Agora cala a boca e toma nota aí. Se um israelita ou estrangeiro que morar no meio do povo oferecer um filho para Moloque, será morto a pedradas pelo povo.

— Pô, Javé. E o povo lá vai querer matar um semelhante?

— Ah, Arão, você nasceu há pouco mais de 80 anos, não sabe de nada. Vai por mim, eu conheço o ser humano direitinho. É o bicho mais cruel que existe. Cê vai ver, os apedrejamentos em praça pública em breve serão diversão para toda a família.

— Tem razão. É uma vergonha.

— VERGONHA??? Que nada! É nessas horas que eu fico orgulhoso por ter criado vocês. Mas onde é que eu estava? Ah, se vocês se recusarem a apedrejar o cara, eu mesmo me encarrego dele. Mas sei que isso não vai acontecer. Conto sempre com a sede de sangue de vocês, e nunca me decepcionei. E vamos em frente. Se alguém aí for atrás de médiuns, videntes, astrólogos, ciganas, babalorixás, e coisas assim será expulso do meio do povo.

— E l-ler ho-horóscopo, po-pode?

— NADA! Vê lá, hein? Bom, deixa eu ver aqui. Quem amaldiçoar o pai ou a mãe será apedrejado. Se um cara comer uma mulher casada, ambos serão mortos. E o mesmo serve

para todo tipo de putaria que eu **já mencionei**: Tudo punido com a morte. Irmãos que tiverem relações sexuais serão banidos. E o mesmo castigo vale para o casal que trepar quando a mulher estiver menstruada.

— Pô, Ja-Javé, mas i-isso n-nem é t-tão g-grave a-assim...

— Claro que é! Eu já cansei de dizer que vocês não podem comer carne com sangue, oras. Olha, cês têm que prestar atenção nessas leis. Senão cês vão ficar iguais aquele povo lá de Canaã. E eu não suporto aqueles caras. Não respeitam nada, riem da minha cara, um inferno. Obedeçam minhas leis. Obedeçam. Direito. Senão cês tão na roça. Entenderam?

— Fazer o quê...

— Bah, Arão. Cê reclama muito.

LEIS PARA OS SACERDOTES

(Levítico 21)

— Bom, vamos acelerar esse negócio aí, seus vagabundos.

— O-o-o-olha o r-re-re-resp-p-pe-pei-p-pei...

— Tá, tá, Moisés! Tô brincando, olha seu coração, véio. É só pra vocês acordarem, que hoje eu tô a fim de ver o dia render. E vamos lá: Leis para os sacerdotes. Arão, cê tá prestando atenção?

— Hum? Hein?

— Ai meu saco... Leis para os sacerdotes, Arão. Interesse direto seu, dos seus filhos, e dos seus descendentes. PRESTENÇÃO, PORRA!

— Tá, Javé. Tô ouvindo.

— Então anota aí. Nenhum sacerdote pode se contaminar tocando num cadáver. Só se for de algum parente chegado: pai, mãe, irmão, filhos. Os sacerdotes não raparão a cabeça nem cortarão a barba, e deverão casar-se com mulheres virgens, nunca viúvas, divorciadas ou prostitutas. Isso é porque eles oferecem os sacrifícios aqui no Tabernáculo, e devem permanecer puros.

— Peraí, Javé. A gente tem que ser cabeludo e barbudo, comer virgens e sacrificar animais?

— Isso aí.

— Legal! Vamos montar uma banda de black metal!

— Puta que pariu... Calaboca, Arão. Vai anotando aí e calaboca. Humpf. Onde é que eu estava? Hum. Se a filha de um sacerdote se prostituir, será queimada viva.

— Porra, Javé! Queimada viva??? Pega leve!

— Pega leve o cacete! Quero ver tudo funcionando direitinho, que isso aqui não é o Tabernáculo da mãe joana! Você que cuide das suas filhas direito, não é problema meu.

— M-Mas...

— M-Mas nada! Tá pegando a gagueira do seu irmão, é? Arão, imagina que uma filha sua vira puta. Aí ela tem um filho, o moleque cresce e se torna sacerdote. Eu lá vou querer um sacerdote filho da puta?

— Pra um deus idem...

— Como?

— Nada não.

— Hum. Tá, anota aí. Agora as leis para o Sumo-Sacerdote.

— Quem é esse cara?

— Putz, é hoje... VOCÊ é o Sumo-Sacerdote, Arão!

— Ah, é.

— Porra, prestenção, véio! Então. O Sumo-Sacerdote deve vir pra cá sempre penteadinho e com suas roupinhas limpinhas e passadinhas e amaciadas com Comfort.

— Com o quê?

— Cota de publicidade, fica na sua. O Sumo-Sacerdote não poderá tocar em nenhum cadáver. Nem que seja de parente próximo, nada. O cara tem que ser cem por cento puro. E ele também só poderá se casar com uma virgem.

— Ôpa! Então posso dispensar a patroa e arrumar uma cocota?

— Claro que não. Ela era virgem quando casou com você, isso é o que importa.

— Bah!

— Não reclama, velho safado. Vamos em frente. Nenhum descendente de Arão que tenha algum defeito físico poderá apresentar ofertas de alimento aqui: Cego, aleijado, deformado, capenga, cotoco, perneta, corcunda, anão, sarnento, verruguento, espinhento,

capado, nada! O cara poderá fazer outras atividades aqui, e até comer da parte dos sacerdotes...

— ÊPA! DA MINHA PARTE NINGUÉM COME!

— Ai ai... Da *parte da oferta de alimentos destinada aos sacerdotes*, Arão.

— Ufa...

— Cáspita. Enfim. Mas o cara não poderá chegar nem perto da cortina do Tabernáculo nem do altar, para não contaminar o que é sagrado.

— P-puta d-descriminação, Ja-Javé. O ca-cara n-não t-tem c-culpa de t-ter nascido c-com de-defeito.

— E eu tenho???

— ...

— Bah! Quero nem saber: A lei é minha, e vocês obedecem. Porque eu sou deus, tão me ouvindo? DEUS!!!

— Tô sabendo.

— E ainda tem mais.

— P-puta m-merda...

A SANTIDADE DAS OFERTAS

(Levítico 22)

— Tá tudo muito bom, tá tudo muito bem, mas eu acho que cês tão numa moleza da porra. Vamos trabalhar!

— Ja-Javé, cê n-não ca-cansa de i-inventar le-leis não?

— Até canso, Moisés. Mas se eu não fizer o negócio direitinho, já viu: Cada um vai fazer o que der na telha e isso aqui...

— Vai virar uma esculhambação, que nem Canaã. Cê já falou isso.

— Eu sei que eu já falei, Arão! Tá me tirando? Eu sei tudo! Só que tenho que ficar falando direto, que é pra vocês aprenderem. Bom, vamos em frente com esse negócio.

Vamos falar sobre as ofertas. Negócio seguinte: As ofertas que são trazidas aqui, tanto de animais como de cereais e tal, são coisas sagradas, e devem ser tratadas com todo respeito. Então os sacerdotes têm que prestar muita atenção: Se um deles vier aqui me apresentar sacrifícios num dia em que estiver impuro, ele não vai mais poder ser sacerdote.

— U-ué... N-não vai ma-matar n-não?

— Nah. Melhor tirar o emprego do cara. Não tem castigo pior do que perder essa mamata que é trabalhar no Tabernáculo, comer da melhor comida, usar roupas caras, ter carro oficial, verba de gabinete...

— É. P-puta ca-castigo.

— Tô te falando, eu sei das coisas. Então, Arão, fica esperto e avisa pros outros sacerdotes: Nego que tiver com lepra ou corrimento, que tiver tocado num cadáver de pessoa ou animal, ou nalguma coisa impura, ou se tiver melado a cueca...

— Hein???

— Arram... Se tiver EJACULADO. Então. Em qualquer dessas hipóteses o sacerdote estará impuro, e não poderá comer das ofertas. E aí é toda aquela aporrinhação que vocês já conhecem: Fica impuro até o pôr-do-sol, depois toma um banho. E só aí ele vai poder comer. E presta muita atenção nisso, Arão! Se um sacerdote desobedecer minhas leis, morrerá.

— Ué! Cê não ia só demitir o cara???

— Bah, mudei de idéia. Matar é melhor, sabe? Dá mais impacto. Mas vamos em frente. Nesse lance das ofertas aí tem mais um negócio: Só a família do sacerdote e seus escravos poderão comer das ofertas. Se alguém de fora da família sacerdotal comer uma oferta por engano, pagará ao sacerdote o valor da oferta mais vinte por cento de comissão. Cês tão anotando aí?

— T-tamos. A-acabou?

— Mais um pouco, peraí. Deixa eu ver aqui, tinha mais um negócio... Ah, achei! É sobre os animais sacrificados. Não podem ter defeito e tal. Cego, aleijado, sarnento, nada disso eu aceito. Tem que ser um bicho perfeito. Bom, tem mais leis aqui para sacrifícios, mas eu passo por escrito depois.

— Que foi, Javé? Cansou?

— Pois é. Muito chato isso aqui, puta que pariu.

NARRADOR: Estão vendo? Nem deus agüenta mais o Levítico...

AS FESTAS RELIGIOSAS

(Levítico 23)

— Muito bem, muito bem. Chega de leis. Vamos falar de festas agora.

— Fe-festas?

— Sim, Moisés. *Fe-festas*. Vocês acham que meu negócio é só trabalho, trabalho? Claro que não! Todo mundo precisa se divertir também. Então anotem aí as festas. A primeira, que vocês já conhecem bem, é o sábado: No sétimo dia da semana vocês não vão trabalhar.

— E isso lá é festa, Javé?

— Claro que é! Ou você prefere trabalhar direto, sem nenhum dia de folga? Oras! Cala a boca e vai anotando. Bom, outra festa é a Páscoa, no dia catorze do primeiro mês. Pra comemorar a saída do Egito, aquele negócio todo. No dia seguinte começa a Festa dos Pães Ázimos.

— P-pães o q-quê???

— Pães *Ázimos*. Pães sem fermento, seu ignorante. Então. Essa festa dura sete dias, durante os quais vocês comerão pão sem fermento. No primeiro dia da festa ninguém trabalha: Vão todos se reunir para dizer que eu sou bom, que eu sou demais, que eu faço e aconteço, que eu domino, que eu sou lindo, tesão, bonito e gostosão. Nos outros dias o povo trará ofertas de alimento aqui pro Tabernáculo. E no último dia farão outra reunião para me puxarem o saco.

— T-tá. E a fe-festa, é q-quando?

— A festa é isso aí, oras!

— Co-comer p-pão m-murcho e fi-ficar be-beijando seu ra-rabo?

— Cê prefere que eu te mate agora pra você ir beijar o rabo do capeta?

— ...

— Ah, bom. Vamos em frente. A Festa das Primícias. Quando vocês já estiverem estabelecidos em Canaã e fizerem a primeira colheita, levarão um feixe do trigo colhido ao sacerdote. Ele apresentará esse feixe a mim.

— Como assim? "Feixe de trigo, esse é o Javé. É uma divindade cruel e despótica. Javé, esse é o feixe de trigo. É um... Bom, um feixe de trigo". É isso?

— Arão, como você é abusado! Cáspita! É só pra trazer o feixe de trigo aqui, em sinal de agradecimento pela colheita.

— A-agradecimento? Cê v-vai pe-pegar no a-arado c-com a ge-gente?

— Mané pegar no arado! Vê se eu sou deus de pegar em arado... Eu vou é tornar a terra fértil para vocês.

— Ah... C-como? Va-vai ca-carregar e-esterco pra ge-gente?

— Tá me achando com cara de rola-bosta, Moisés? Negócio seguinte: Se eu quiser, vocês não colhem é porra nenhuma naquela terra! Sem mim fica tudo seco por lá!

— Ué... O povo de Canaã tem boas colheitas todos os anos, e nem te conhecem.

— É que... É que a colheita do... Do... Olha, vamos em frente com o negócio das festas que é melhor. Então. No mesmo dia em que trouxerem o feixe de trigo, vocês vão me trazer um carneirinho de um ano para ser completamente queimado. E apresentarão como oferta de alimento dois quilos de farinha com azeite e um litro de vinho. Não comam derivados do trigo enquanto não apresentarem essa oferta.

— Ah! Então a gente trabalha, ara a terra, semeia, aduba, irriga, combate as pragas, faz a colheita e o bonitão aí é o primeiro a comer? Não é justo!

— Porra, cês não eram assim! Lá no Egito os dois me obedeciam, faziam as coisas do jeito que eu mandava. Agora é toda hora esse negócio de querer bater de frente comigo. Tô ficando mole... Melhor cês pararem com isso. Pra mim não custa nada acabar com a raça de vocês e pegar outros dois zés-manés para serem líderes do povo. Entenderam?

— ...

— Muito bem. Próxima: Festa da Colheita.

— ÔBA!

— "Ôba"?

— É, ué. Ôba.

— Por que "oba", Arão?

— Hum... Eu ouvi dizer que lá em Canaã os caras têm uma festa da colheita. Tem bebida e comida à vontade, orgias, jogos, uma beleza!

— Mas que maravilha, hein, Arão!

— Pois é!

— A gente bem que podia fazer um negócio parecido, né?

— É!!!

— É O CARALHO! Quantas vezes eu vou ter que dizer que não quero que vocês sejam iguais aos caras de Canaã? Porra!

— Então não vai ter comida e bebida?

— Não.

— Jogos, orgia?

— Claro que não!

— Porra, Javé! Pelo menos um bolinho! Brigadeiro, cajuzinho, beijinho, essas coisas. Custa nada!

— Custa minha reputação, oras. Nada disso! A festa vai ser assim: Cinqüenta dias depois da Festa das Primícias, vocês apresentarão outra oferta de cereais. Cada família vai trazer dois pães de dois quilos cada, feitos com a melhor farinha e com fermento. Junto com os pães, ofereçam sete carneirinhos de um ano, um bezerro e dois carneiros adultos. Esses animais serão completamente queimados, juntamente com as ofertas de alimento. Além disso, oferecerão um bode para tirar pecados e dois carneirinhos como oferta de paz. O sacerdote oferecerá esses dois carneirinhos junto com os pães como uma oferta especial. Essa é uma oferta sagrada que pertence aos sacerdotes.

— Bom, pelo menos nessa festa eu como alguma coisa...

— Calaboca. O importante é que nesse dia vocês também vão se reunir pra me lamberem as bolas. E vamos em frente. Festa do Ano Novo. O primeiro dia do sétimo mês é um dia sagrado, festejado com trombetas.

— Pelo menos essa tem música...

— Pois é. E, claro: Vocês vão se reunir para lembrar o quanto eu sou bom e maravilhoso e coisa e tal. Não vão trabalhar, e apresentarão ofertas de alimento. Aí no dia dez desse mesmo mês é o Dia do Perdão, sobre o qual **já falamos**. Alguma dúvida quanto ao Dia do Perdão?

— Ne-nenhuma.

— Muito bem, vamos em frente então. No dia quinze do sétimo mês começa a Festa das Barracas.

— Barracas? Vai ser tipo uma quermesse?

— Que quermesse o quê! Prestenção. Haverá uma reunião sagrada no primeiro dia, ninguém trabalha. Vocês vão colher frutas das melhores árvores, e ramos de palmeiras e galhos de árvores. Aí em cada um dos sete dias vocês apresentarão ofertas de alimento. E no oitavo dia se reunirão novamente, e dirão que eu sou o melhor, que eu detono, que eu sou foda.

— T-tá. M-mas por quê Fe-Festa das B-Barracas?

— Ah, é. Sabe os ramos de palmeiras e galhos de árvores que vocês colheram? Então, vocês vão montar cabanas com eles. Durante os sete dias da festa, todos os israelitas morarão em cabanas, que é para se lembrarem para sempre do tempo em que moraram em barracas no deserto, logo depois de saírem do Egito. Entenderam?

— Sim. Mas tem uma coisa, Javé. Essas festas aí...

— Que que tem as festas?

— Bom. Com todo respeito, viu? Essas festas não parecem muito alegres não. É só comer pão sem fermento, morar em cabana de pau, oferecer sacrifícios... Onde é que fica a parte da festa propriamente dita?

— Comigo, oras! Vou comer do bom e do melhor, tomar vinho, ser bajulado por todo mundo. Vai ser uma beleza!

— Filho da puta...

— Hehehe...

O CANDELABRO, O PÃO SAGRADO E UMA BRUSCA INTERRUPÇÃO

(Levítico 24)

Antes que alguém estranhe: Sim, esta história tem narrador. Eu me ausento vez em quando, que é para não atrapalhar a fluidez dos diálogos. Mesmo porque fica bem claro quem está falando o quê: O prepotente e arrogante é deus, o folgado é Arão, o gago é Moisés. Mas o negócio é que às vezes eu tenho que interferir, devido a acontecimentos alheios à conversa entre os três. Como agora, por exemplo. Estavam lá os três conversando. Javé, como sempre, cagando suas regras:

— Olha só. Digam ao povo que eles devem trazer o melhor azeite para manter o candelabro aqui do Tabernáculo aceso. Você, Arão, vai acender o candelabro toda tarde, e vai mantê-lo aceso a noite toda.

— Medo do escuro, Javé? A consciência pesa quando chega a noite?

— Calaboca, Arão, que hoje eu não tô com saco pra agüentar impertinência de um velho folgado feito você. Humpf. Deixa ver aqui... Ah, tem os pão também.

— Os *p-pães*, Ja-Javé.

— Bah, que seje. Então. Os pão. Doze pão...

— PÃES!!!

— Tá, tá! Doze pães, pesando dois quilos cada, feitos da melhor farinha, serão colocados ali na mesa. Todo sábado o sacerdote colocará os pães arrumados em duas pilhas de seis, e queimará incenso sobre eles, que é pra todo mundo saber que os pão são dedicados a mim.

— Porra, Javé! OS PÃES!

— Cáspita, vocês pegam muito no pé com esse... Peraí. Cês tão ouvindo?

— O quê?

— Shhhhhhh... Confusão lá fora. Moisés, vai ver o que tá acontecendo.

Estão vendo? É aqui que eu entro. Bom, Moisés foi ver o que estava acontecendo. E o lado de fora do Tabernáculo estava uma zona, um monte de gente discutindo. Uns gritos de "Pega!" daqui, "Lincha!" dali, "Capa!" dacolá. Ao verem Moisés se aproximar, no entanto, os ânimos foram se acalmando. Ninguém queria ouvir um sermão dele. Não que fosse especialmente severo: É que o cara levava horas para concluir uma frase.

— Q-que po-porra tá a-acontecendo a-a-a-aaaaa-a...

— *Aham*...

— Q-quem é A-Aham?

— Eu tava pigarreando, Seu Moisés.

— A-ah... Co-continue.

— Onde é que eu estava mesmo...?

— No p-pigarro.

— Ah, é. *Aham*... Seguinte, Seu Moisés: Esse cara aí, o filho da Dona Selomite, andou aprontando. Se meteu numa briga e no meio da refrega resolveu blasfemar contra o nome de deus.

— N-no m-meio d-do q-quê?

— Da refrega. Do arranca-rabo. Do pega-pra-capar. Do...

— T-tá, já e-entendi. M-mas como f-foi i-isso?

— Bom, eles tavam lá brigando. O outro cara falou alguma coisa sobre vir resolver a questão aqui no Tabernáculo, consultar a vontade de deus e tal. Aí ele respondeu um negócio lá...

— O q-quê?

— Ah, Seu Moisés. Não posso falar não.

— Fa-fala, r-rapaz. O q-que f-foi que e-ele d-disse?

— Hum... Ele disse... Er... Ele disse: "Que se foda Javé! Javé lambeu minhas bolas!"

— HAHAHAHAHA... Hum. Q-que b-blasfêmia! Vo-vou c-consultar Ja-Javé a r-repeito. Vi-vigiem o ca-cara aí.

Moisés então voltou para o Tabernáculo e contou a Javé (se esforçando para segurar o riso) o que havia acontecido.

— CUMEQUIÉ??? O CARA FALOU ISSO MESMO???

— F-foi o q-que me di-disseram...

— PUTA QUE PARIU! Que desgraçado! Mas é bom que isso aconteça, que aí a gente já bota as leis em prática. O que vocês acham que esse cara merece?

— ...

— Cáspita, cês não prestam atenção mesmo, né? Não lembram que minha lei é na base do olho por olho, dente por dente? Então quem matar o animal de alguém, dará outro animal de mesmo valor. Se alguém ferir outra pessoa, será ferido exatamente da mesma maneira. Quem matar será morto. Entenderam agora?

— Hum... Então qual vai ser o castigo pra esse cara? Você vai lá falar "O filho da Selomite lambeu minhas bolas"?

— Claro que não, oras. Ele blasfemou. Vai morrer na base da pedrada.

— Mo-morrer??? M-mas e-ele n-não m-matou ni-ninguém!

— Não matou, Moisés, é verdade. Mas falou merda a meu respeito. E cê não tem idéia do quanto isso me deixa puto. Então cês vão fazer assim: Vão levar o cara pra fora do acampamento e apedrejá-lo.

— Porra, Javé, não foi você quem ficou puto? Então por que não vai você mesmo matar o cara?

— Eu, hein! E sujar minhas mãos com pouca merda? Na-na-ni-na-não: Vocês vão. E logo, que eu tô mandando.

Moisés e Arão ainda relutaram um pouco. Mas além de deus, a multidão enlouquecida também queria sangue. Quando os dois líderes anunciaram o apedrejamento, foi uma ovação geral. Levaram o cara pra fora do acampamento e o mataram bem morto. Até onde eu me lembro, essa é a primeira execução (no sentido de castigo por alguma falta) perpetrada por seres humanos na Bíblia. Por outro lado, já perdi a conta do número de execuções levadas a cabo por deus...

O ANO SABÁTICO, O JUBILEU E OUTRAS MUMUNHAS

(Levítico 25)

Ah, vocês já estavam achando que não tinha mais, né? Pois não se iludam, filisteus incrédulos! Depois de apedrejarem o cara lá, Moisés e Arão voltaram para o Tabernáculo para continuarem a conversa com deus.

— Aê, Ja-Javé. J-já ma-matamos o c-cara. V-vamos c-continuar? Ja-Javé? JA-JAVÉEEEEEEEEEEE!

— Te fresqueia, Moisés. O cara deixou um bilhete, olha aqui. Tá falando pra gente encontrar ele no Monte Sinai.

— N-no Si-Sinai? P-porra!

— Pois é. O feladaputa esquece que temos mais de oitenta anos, não temos mais pique pra ficar subindo montanha. Mas cê vai querer discutir com ele?

— E-eu n-não.

— Então vambora. E os dois irmão partiram em direção ao monte. Chegaram ao topo quase mortos de cansaço.

— Ô, seus maricas! Não agüentam nem uma subidinha dessa?

— P-ra vo-você é f-fácil f-falar, Ja-Javé. V-vai pra o-onde q-quer q-quando q-quer. Co-como v-você f-faz isso?

— Ah, copiei de *Star Wars*. Aquele negócio lá de teletransporte que o Doutor Spock usa.

Javé mal acabara de falar quando um sujeito surgiu de trás de uma pedra. Cabelinho cuidadosamente penteado, roupinha engomada, óculos presos com um elástico na nuca.

— Aham... Perdoem-me interromper a conversa, mas tenho algumas correções a fazer. Primeiro, é *Star Trek*, não *Star Wars*. E é *Senhor* Spock, não *Doutor* Spock. Além do mais, o...

Ele não teve tempo de terminar: Foi reduzido a cinzas por um raio.

— Odeio *trekkers*. Ô raça. Mas onde é que a gente estava?

— Você eu não sei, Javé. A gente tava apedrejando um cara lá embaixo.

— Ah, é. Mas vamos continuar com as leis. Deixa eu ver aqui... Ah, o Ano Sabático. Seguinte: Lá em Canaã cês vão cultivar a terra normalmente por seis anos. Mas o sétimo ano será como um sábado para o solo: Vocês vão deixar a terra descansar. E será assim a cada sete anos: Nada de cultivo. E mesmo que cresça alguma coisa na terra por si só, vocês não vão poder colher.

— Péra, e a gente vai comer o quê? Maná?

— Mané maná! Chega da maná, dá um trampo danado fazer isso. Só de pensar que vou ter que mandar maná pra vocês por quarenta anos já me dá desgosto e...

— Q-QUÊ? Q-QUARENTA A-ANOS??? Cê t-tá di-dizendo que a-ainda v-vamos fi-ficar Q-QUARENTA A-ANOS va-vagando p-pelo de-deserto?

— Er... Aham... Claro que não Moisés, claro que não! Foi um erro de cálculos. Tenho que produzir maná por quarenta anos por razões contratuais, essas complicações legais, sabe?

— Hum.

— Então. Mas respondendo à primeira pergunta: No ano anterior ao Ano Sabático, a terra produzirá o suficiente para alimentar vocês no ano seguinte.

— É? E se não produzir?

— Porra, Arão, vai por mim. Eu sou é deus, tá me ouvindo? DEUS! Se eu tô dizendo que cês vão ter boas colheitas antes do Ano Sabático, é porque vão ter. Oras! E vamos em frente. Bom, cês vão contar, também a partir de quando chegarem a Canaã, sete semanas de anos.

— Se-semanas de a-anos?

— É, Moisés. Porra, não é difícil de entender. Quantos dias tem uma semana?

— Se-sete.

— Então! Uma semana de anos tem sete anos. E quantos anos são sete semanas de anos?

— ...

— Sete vezes sete, Moisés!

— ...

— ARGH! Arão, fala pra ele.

— Fácil! Sete vezes sete dá quarenta e sete.

— QUARENTA E NOVE!

— Bah, foi por pouco.

— Pfff... Bom. Então, quarenta e nove anos. No ano seguinte será o Jubileu.

— Po-porra, Ja-Javé, e-então p-por que não fa-fala l-logo a ca-cada ci-cinqüenta a-anos?

— Ah, quarenta e nove mais um você sabe fazer, né? Ignorante... Tá, a cada cinquüenta anos vocês terão o Jubileu. No Dia do Perdão do ano do Jubileu vocês vão mandar um homem tocar trombeta por todo o país. Vai ser uma turnê legal pro cara, e vai servir para anunciar o Jubileu. Esse será o ano da libertação: Todos os que tiverem sido vendidos como escravos voltarão para suas famílias, e todas as terras voltarão a pertencer a seus donos originais. Olha que beleza!

— Ah, uma beleza mesmo! Imagina, o cara é vendido e pensa: "Mas tudo bem, daqui a cinqüenta anos eu tô livre"...

— Má vontade sua, Arão. Se o cara foi vendido um ano antes do Jubileu, será libertado no ano seguinte.

— É, aí já é negócio.

— Tô falando, esse Jubileu é um puta negócio legal.

— É, mas tem um furo aí. Suponha que eu venda uma terra minha para o Moisés um ano antes do Jubileu. No Jubileu ele terá que me devolver a terra, certo?

— Certo.

— Puta prejuízo pro cara!

— É nada, já pensei nisso. O preço das terras será calculado com base nos anos que faltam para o próximo Jubileu. Quanto mais perto o Jubileu estiver, menor será o valor da terra.

— Boa...

— É, eu sou foda. E vamos em frente. Deixa eu ver aqui... Ah, leis a respeito de propriedades. Seguinte: Quando um terreno for vendido, seu antigo dono será o primeiro a ter o direito de comprá-lo. Se alguém ficar pobre e precisar vender parte de suas terras, um parente próximo deverá comprar de volta o que ele vendeu. Mas se ele não tiver parentes, e um dia voltar a ter dinheiro, terá prioridade na compra de suas antigas terras. E mesmo que ele permaneça na pindaíba, o terreno será devolvido a ele no ano do Jubileu.

— Q-que be-beleza! De-depois de a-apenas ci-cinqüenta a-anos!

— Não torra, Moisés, ou eu torro você.

— ...

— HUMPF. Deixa eu continuar. Ah, essas leis não valem para casas que ficam em cidades muradas. Nesse caso, o antigo dono só tera prioridade de compra no primeiro ano, depois disso, bau-bau. Nem no Jubileu ele tem a casa de volta. A não ser que seja um levita, levitas têm privilégios, vocês sabem. Mas casas que fiquem em cidades sem muralhas são como terrenos, valem para elas as mesmas leis do Jubileu e coisa e tal. E é isso.

— Ah, foi rápido.

— É. Tem mais uns troços aqui, coisas sobre ajudar os pobres, não emprestar dinheiro a juros, tratar bem os escravos. Mas é tudo bobagem, passo pra vocês por email. Beleza?

— Be-beleza.

— Então vamos em frente, que falta pouco pra terminar o Levítico.

OBEDIÊNCIA E BÊNÇÃOS; DESOBEDIÊNCIA E CASTIGOS

(Levítico 26)

— B-bom, Ja-Javé. V-vamos co-continuar?

— Vamos sim, Moisés. Mas antes eu quero dar uns toques aí pra vocês. Só reforçando umas coisinhas. Seguinte: Não façam imagens para adorarem. Guardem o sábado e respeitem o lugar de adoração.

— Javé, cê não acha que já falou bastante isso aí?

— Eu falo quantas vezes eu achar necessário. Eu sou é DEUS, porra! Arão, prestenção no que eu tô falando e fica quieto. Humpf. Bom, continuando: Se vocês me obedecerem direitinho, vão ter uma vida boa bagarai. As colheitas de vocês serão boas demais, tão boas que ainda estarão colhendo cereais quando chegar o tempo das uvas, e colhendo uvas quando chegar o tempo de semear os campos. Vocês viverão em paz, dormirão sossegados. Ninguém vai incomodar vocês. Nada de inimigos nem de animais selvagens. E se alguém mexer com vocês, será derrotado facilmente.

— Q-que be-beleza, hein Ja-Javé?

— Bota beleza nisso! Olha, as colheitas vão ser tão grandes que vocês vão ter que jogar fora o trigo velho pra poder armazenar o novo. Eu vou ser camarada de vocês, amigão mesmo. Vamos assistir futebol juntos no fim-de-semana. Jogar dominó e truco. Tomar umas. Vai ser muito bom. Porém...

— Ai ai...

— Pois é. Porém, se vocês resolverem me desobedecer, tão fodidos. Vou mandar doenças pra vocês. Não vai adiantar nada plantar, porque seus inimigos é que vão comer os alimentos produzidos pela sua terra. Eu vou ficar de mal de vocês e farei com que os inimigos os derrotem. E se mesmo assim vocês continuarem me desobedecendo, mandarei um castigo sete vezes pior. Acabarei com a força de vocês, não vou mais mandar chuva e o chão vai ficar duro. Vocês vão trabalhar o quanto quiserem, porque o campo não vai produzir nada. Quem sabe assim vocês se arrependem. Mas se não se arrependerem, tudo bem.

— Tudo bem? Opa!

— Tudo bem pra mim, é claro. Porque pra vocês o bicho vai pegar. Vou mandar animais selvagens invadirem as cidades de vocês. Eles vão matar seus filhos, vão acabar com seu gado. E se vocês continuarem teimando, o negócio piora: Vou mandar seus inimigos atacarem vocês. E se vocês se juntarem nas cidades para escaparem deles, eu farei com que sejam atacados por doenças graves, e serão capturados de qualquer forma. Vocês vão ter bem pouca comida, a fome vai acabar com vocês. Mas se mesmo assim...

— P-peraí, Ja-Javé! Aí j-já é d-demais! Ni-ninguém a-agüenta tanto c-castigo.

— Quer apostar, Moisés? Eu sei do que tô falando, vocês são um povinho muito do sem-vergonha e cabeça dura. E continuo: Se mesmo assim vocês continuarem me desafiando, a fome será tanta que vocês vão acabar devorando seus próprios filhos. E eu vou destruir os ídolos que vocês tiverem construído, e jogarei seus corpos sobre eles. Destruirei suas cidades e templos, e não aceitarei os sacrifícios de vocês. Vou arrasar tanto a

terra de vocês que quem vier ocupá-las depois ficará até assustado. A guerra vai acabar com tudo, e vocês serão espalhados pelas outras terras. A terra de vocês vai ficar abandonada.

— Porra, Javé, pega leve.

— Pega leve é o cacete, ainda não terminei. Mesmo os que sobreviverem em outras terras não terão paz: Viverão com medo, assustados com qualquer barulhinho. Vão fugir mesmo sem que ninguém os persiga. Vão morrer em terras estrangeiras e lá serão enterrados.

— P-putz... Q-que t-triste i-isso, Ja-Javé.

— Eu sei, eu sei. Mas não se desespere tanto assim! Porque os descendentes de vocês vão se arrepender e voltar a obedecer minhas leis. Aí eu vou me lembrar do acordo que fiz com Abraão, Isaque e Jacó, e de como tirei vocês do Egito.

— Opa, Javé. Eles **vão** se arrepender? Cadê a condicional??? Quer dizer que essa desgraceira toda vai acontecer mesmo? Nossos descendentes vão sofrer tudo isso?

— Er... Hum... Veja bem...

— Fala, porra!

— Nah. Só um erro de construção de frase. Tô cansado, sabe...

— Sei, sei...

— Vão por mim, vai dar tudo certo. A vida de vocês em Canaã vai ser muito boa. Uma beleza. Uma maravilha. Bacanérrima. Supimpíssima. Sensacional.

— M-menos, Ja-Javé.

— Tá, parei.

PESSOAS E COISAS DEDICADAS A DEUS

(Levítico 27)

— Pois então, meus filhos, é isso aí.

— A-acabou, Ja-Javé?

— Quase. Só falta uma coisinha... Esse negócio todo que eu falei pra vocês precisa de infraestrutura. E pra termos infraestrutura, precisamos de dinheiro. Então pra encerrar de

vez, vamos ver aqui um jeito desse negócio de Tabernáculo, sacrifícios, leis e o diabo a quatro dar dinheiro. Hum... Por exemplo, as pessoas podem se dedicar ao serviço do Tabernáculo. E quem fizer esse tipo de compromisso, além de trabalhar de graça, vai ter que pagar pra se libertar.

— Bah, Javé! Quem é que vai entrar numa fria dessa?

— Vai por mim, Arão. É só dizer que é um negócio sagrado, que á para o serviço de deus; insinuar que isso trará recompensas na outra vida, e pronto: Vai fazer fila de neguinho aí na porta do Tabernáculo, todo mundo doido pra se dedicar a deus.

— Hum... Mas e aí, suponha que o cara resolva que não quer mais? Vai ter que pagar quanto?

— Boa pergunta. Bora fazer uma tabela, peraí. Hum... Hum... Pronto, taí:

Idade	Homens	Mulheres
até 5	5	3
5 a 20	20	10
20 a 60	50	30
+ de 60	15	10

— O q-que s-são e-esses n-números?

— Moedas de prata. Por exemplo, se um cara de 25 anos se dedicar ao trabalho do Tabernáculo e depois perceber que é roubada, só poderá sair pagando 50 moedas de prata.

— Mas Javé... Isso aí dá mais de meio quilo de prata. É uma boa grana.

— A idéia é essa, Arão. Precisamos de dinheiro. Se o cara não tiver essa prata toda, podemos até quebrar um galho: Ele vai, bate um papo com o sacerdote, e aí os dois acertam um preço que o cara possa pagar. Mas de graça é que não vai sair.

— Saquei. Então vai ser essa nossa fonte de receita?

— Sim, mas não a única! Tô bolando outras coisas aqui. Olha só: Se alguém prometer um animal que pode ser oferecido em sacrifício, o bicho passa a ser considerado sagrado. A

partir do oferecimento, não poderá ser trocado por outro melhor ou pior. Se o cara quiser dar uma de espertinho e trocar, os dois animais passam a ser dedicados a mim.

— B-boa e-essa...

— Eu sou foda, Moisés. Mas continuando: Se o animal que o cara for oferecer for impuro, então levará o bicho ao sacerdote, que avaliará o preço de acordo com sua condição. Se o dono quiser comprar o bicho de volta, deverá pagar esse preço mais vinte por cento.

— Pô, mas pra que a gente vai querer um animal impuro, que não se pode oferecer em sacrifício nem comer?

— Oras, o quê! Vender para os estrangeiros! Ganhar dinheiro!

— Espertinho você...

— Espertinho é porra nenhuma, eu sou é deus! E vamos em frente: Se um fulano aí resolver que quer dedicar sua casa a mim, o sacerdote fará a avaliação da casa e pagará o preço. Se o cara quiser a casa de volta, pagará este preço acrescido de vinte por cento.

— T-taxa p-pesada, hein?

— Claro, Moisés! Senão fica fácil! E olha que ainda tem mais: Se alguém quiser oferecer um terreno que recebeu de herança, o sacerdote avaliará a terra de acordo com a quantidade de sementes necessárias para semeá-la. O valor será de 570 gramas de prata para cada cem quilos de cevada.

— Pô, então vai dar pra ganhar uma grana com isso aí.

— Nem sempre, porque esse será o preço máximo possível. Porque preço final será calculado de acordo com o tempo que falta para o próximo Jubileu, percebe?

— Ah, faz sentido.

— Pois é. E aí se o cara quiser o terreno de volta, a mesma pataquada de sempre: o preço mais vinte por cento.

— M-mas aí no p-próximo Ju-Jubileu o t-terreno v-volta pro do-dono, n-né?

— Claro que não! Só me faltava essa... No Jubileu o terreno passa a ser definitivamente dos sacerdotes. Precisamos de patrimônio, Moisés! O cara só vai ter direito ao terreno no Jubileu no seguinte caso: Ele oferece a terra ao sacerdote, e paga o preço estipulado.

— Peraí! O cara vai pagar para dar o terreno pra gente???

— Não, oras! Vai pagar pelo direito de ter o terreno de volta no próximo Jubileu.

— Que sacanagem...

— Ixe, cê ainda não viu nada... Vamos continuar. Bom, a primeira cria dos animais não poderá ser oferecida a mim porque, como vocês sabem, já é minha segundo a lei. A não ser, é claro, no caso da primeira cria de animais impuros. Com essas a gente até faz negócio.

— Zóio de lula, hein, Javé?

— Porra, Arão, tô ajudando vocês! Sacerdote vai ter a vida mansa com essas leis aí. Ainda mais que a gente vai cercar essas coisas dedicadas a mim de uma aura sagrada e coisa e tal. Nego vai respeitar muito isso aí, e vocês vão ficar numa boa. E ainda tem o dízimo...

— T-tava de-demorando...

— Ô, Moisés, não tem coisa mais eficiente pra se ganhar dinheiro do que o dízimo! É proporcional, todo mundo pode dar, uma beleza! Dez por cento de todas as colheitas e de todos os rebanhos serão dedicados a mim. Ou seja, vai pros cofres do Tabernáculo. Putz, essa religião nova aí vai ser um sucesso, cês vão ver!

— Se-será m-mesmo?

— Pode acreditar, Moisés! E se alguma coisa der errado, eu mando meu fi...

— M-manda q-quem?

— Er... Meu fi... Meu fisioterapeuta, já falei dele. Oras. Bom, acho que podemos parar por aqui. Muito obrigado a vocês, viu? Me ajudaram bastante.

— Bom, então quer dizer que acabou?

— Acabou nada! Cês podem tirar umas férias, descansar um pouco. Mas ainda tenho muito o que falar com vocês.

— Quando?

— Pode deixar que eu telefono.

Iniciado em 21 de novembro de 2002
Concluído em 2 de abril de 2003